

Meu namorado é imortal

Speed Dating Vampírico #2

Isolde Nocturne

Meu Namorado é Imortal

Uma comédia romântica paranormal

Isolde Nocturne

Whisper Nexus Publishing House

Primeira edição em português (Brasil): 2025
Copyright © 2025 by Isolde Nocturne
Tradução do inglês: Rebeca Vitória Rocha
Publicado pela Editora Whisper Nexus
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem a prévia autorização por escrito da detentora dos direitos autorais.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é mera coincidência.

O uso desta publicação para o treinamento de tecnologias de inteligência artificial (IA) generativa é expressamente proibido.

Também de Isolde Nocturne

Speed Dating Vampírico
#1 Meu date me mordeu
#2 Meu namorado é imortal
#3 Meu ex é eterno

Sommaire

1
2
3
4
5
6
7
8
9
Epílogo

1

Eu vou vomitar.

Não é por causa do nervosismo sobre o speed dating — ok, talvez parcialmente por causa do nervosismo sobre o speed dating — mas principalmente porque acabei de perceber que estou prestes a entrar numa sala cheia de vampiros e lobisomens de verdade e sabe Deus o que mais, e três semanas atrás eu achava que a coisa mais estranha na minha vida era a obsessão do meu vizinho por colecionar anões de jardim.

— Vai ficar tudo bem — diz Maeve, apertando meu braço enquanto nos aproximamos do centro comunitário. — Eu sobrevivi. Você também vai sobreviver.

— Você foi a um desses eventos e acabou morando com um vampiro — observo. — Isso não é exatamente reconfortante sobre minhas chances de sobrevivência.

— Eu acabei feliz — ela corrige. — Há uma diferença.

Lucien aparece do outro lado dela, movendo-se com aquele silêncio perturbador de vampiro. Mesmo depois de três semanas ouvindo Maeve me explicar sua nova realidade, eu ainda pulo quando ele faz isso.

— Melissa — ele diz, naquele jeito formal dele. — Você está preparada para esta noite?

— Define "preparada". Porque se você quer dizer "pronta para ter conversas educadas com seres sobrenaturais", então talvez. Se quer dizer "pronta para descobrir que minha visão de mundo estava completamente errada", então definitivamente não.

— A primeira será suficiente.

Maeve lança um olhar para ele. — Seja gentil. Ela está apavorada.

— Não estou apavorada — minto. — Só estou... cautelosa em entrar num mundo onde as pessoas bebem sangue para se alimentar.

— A maioria deles é perfeitamente civilizada — diz Lucien. — Embora eu deva mencionar... evite os fae se possível. Eles adoram confusão.

— Fae. Certo. Porque vampiros e lobisomens não eram o bastante. — Paro de andar. — Maeve, você tem certeza disso? Talvez eu devesse simplesmente ir para casa e fingir que você nunca me contou que nada disso existe.

Ela se vira para mim. — Mel. Três semanas atrás, você estava reclamando de como os encontros eram chatos. Como cada cara que você conhecia era igual ao outro. Como você sentia que estava sonâmbula pela vida.

— Eu não quis dizer que queria acordar num filme de terror.

— Não é um filme de terror. É só diferente. Melhor, na verdade. Mais honesto.

Eu olho para ela — realmente olho para ela. Ela está praticamente brilhando de felicidade. Lucien está ao lado dela como uma espécie de príncipe gótico, mas o jeito como ele a observa, como se ela fosse a única pessoa no mundo... Nunca vi Maeve tão contente.

— E você acha que vou encontrar isso também? — pergunto.

— Acho que você vai encontrar alguma coisa. Mesmo que seja apenas o conhecimento de que o mundo é maior e mais estranho do que você pensava. — Ela sorri. — Além disso, qual é o pior que pode acontecer?

— Eu poderia ser devorada por um lobisomem.

— Lobisomens não comem pessoas — diz Lucien seriamente. — Isso é um equívoco comum.

— Ah, que bom. O que eles comem?

— Comida normal. Eles apenas se transformam em lobos às vezes.

— Certo. Atividade normal de terça-feira à noite.

Maeve ri. — Vamos. Vou apresentar você a algumas pessoas. Ajudar você a se orientar.

O prédio está decorado para o evento — velas flutuando sem suportes (aparentemente as bruxas cuidam do ambiente), música suave vindo de lugar nenhum, e uma energia no ar que faz minha pele sentir estática.

As pessoas são... bem, parecem pessoas. Pessoas atraentes, mas pessoas mesmo assim. Não sei o que eu estava esperando — presas e garras por toda parte? Mas a maioria delas parece apenas estar participando de um evento de speed dating particularmente bem vestido.

— Primeira vez? — pergunta uma voz ao meu lado.

Eu me viro e encontro uma mulher alta com cabelos cacheados selvagens e um

sorriso amigável. Ela está usando calças de couro e uma blusa cropped.

— Tão óbvio assim? — pergunto.

— Você parece estar esperando que alguém a morda. O que, convenhamos, alguns deles podem fazer. — Ela sorri, mostrando dentes perfeitamente normais. — Sou Petra. Lobisomem, beta da alcateia, organizadora do evento. Você é a humana que Maeve mencionou?

— Melissa. E sim, muito humana.

— Legal. Não recebemos muitos humanos nessas coisas. Bem, não recebíamos até Maeve quebrar a tendência. — Ela olha ao redor da sala. — Quer que eu aponte as espécies? Ajudar você a navegar?

— Isso é... útil?

— Depende. Você quer saber quem pode acidentalmente esmagar sua mão durante um aperto de mão versus quem pode tentar ler sua mente?

— Colocando assim, sim, por favor.

Petra começa um guia casual de espécies sobrenaturais, apontando discretamente pela sala. Vampiros tendem a ficar muito parados e têm aquela coisa de beleza sobrenatural. Lobisomens são mais calorosos e táteis. Bruxas geralmente têm pequenos sinais mágicos — flores no cabelo que permanecem perfeitas, joias que mudam de cor. Os fae são bonitos de um jeito que faz você olhar por muito tempo e esquecer o que estava pensando.

— E os demônios? — pergunto.

— Mais difíceis de identificar. Eles se misturam melhor. Geralmente você pode perceber pelas mudanças de temperatura ao redor deles, ou se aparelhos eletrônicos começam a apresentar falhas. — Ela faz uma pausa. — Ah, e evite qualquer pessoa que faça você imediatamente querer concordar com tudo que ela diz. Isso geralmente é persuasão sobrenatural.

— São muitas informações.

— Você vai pegar o jeito. Maeve conseguiu, e ela estava tão assustada quanto você parece agora.

— Eu não pareço assustada.

— Querida, você está agarrando essa bolsa como se fosse um salva-vidas.

Eu olho para baixo. Ela não está errada.

— Melissa — Maeve aparece com Lucien a reboque. — Quero que você conheça alguém.

Ela me leva através da sala até onde um homem está parado perto da mesa de bebidas. Ele é alto, de cabelos escuros, vestindo preto como se estivesse participando de um funeral. Quando ele se vira para nós, sou atingida por duas coisas. Ele é devastadoramente bonito de uma maneira afiada, clássica, e seus olhos são do azul mais pálido que já vi, quase prateados.

— Adrian — diz Maeve calorosamente. — Esta é Melissa, a amiga que mencionei. Melissa, este é Adrian. Ele me ajudou a navegar em tudo quando eu era nova nisso tudo.

Adrian inclina a cabeça levemente, formal e antiquado. — Melissa. Maeve falou de você frequentemente. Ela mencionou que você estava considerando comparecer esta noite.

— Considerando é uma palavra forte. Estou mais... sendo arrastada aqui por uma amiga que está convencida de que isso vai mudar minha vida.

— E o que você acha? — Sua voz tem um sotaque interessante — não exatamente britânico, mas algo refinado e definitivamente não local.

— Acho que estou completamente perdida. Mas estou aqui, então isso já é alguma coisa.

— De fato. Coragem frequentemente é indistinguível de mau julgamento.

Eu rio apesar de mim mesma. — Isso é muito sábio ou muito insultante.

— Talvez ambos.

Maeve me cutuca. — Adrian é um vampiro. Ele também é incrivelmente prestativo e muito mais gentil do que finge ser.

— Eu não finjo ser nada — diz Adrian calmamente. — Simplesmente sou o que sou.

— Que é? — pergunto.

— Velho. Ocasionalmente útil. Atualmente tentando determinar se você é corajosa ou insensata por comparecer esta noite.

— Estou me inclinando para insensata.

— Sabedoria e insensatez frequentemente ocupam o mesmo espaço. — Ele me estuda com aqueles olhos pálidos. — O que fez você decidir vir esta noite? Além do incentivo de Maeve.

Penso sobre isso. — Honestamente? Eu estava cansada de fingir que o mundo fazia sentido. Maeve me contou sobre tudo isso, e no início pensei que ela estava tendo algum tipo de colapso. Mas então ela me apresentou a Lucien, e ele claramente não é humano, e de repente tudo que eu pensava que sabia parecia... pequeno.

— E você queria algo maior.

— Eu queria algo real. Mesmo que seja aterrorizante.

Sua expressão muda. — Esse é um motivo melhor do que a maioria das pessoas tem.

— Qual é um motivo ruim?

— Tédio. Realização de fantasias. O desejo de se sentir especial. — Ele olha ao redor da sala. — Muitos humanos descobrem nosso mundo e o veem como entretenimento em vez de realidade.

— E você acha que eu vou fazer isso?

— Não. Acho que você entende a gravidade do que está entrando. Isso é incomum.

Petra bate palmas alto, chamando a atenção de todos. — Certo, pessoal! Hora de começar! Encontrem seu primeiro par — os nomes estão nas mesas!

A sala se reorganiza em um caos organizado. Adrian verifica seu telefone, presumivelmente para ver sua designação de mesa.

— Mesa M-3 — digo, verificando meu próprio telefone. — E você?

— Também M-3. — Ele parece surpreso. — Que coincidência.

Maeve sorri. — Não é coincidência alguma. Eu posso ter mencionado para Petra que vocês dois deveriam se conhecer.

— Maeve. — Eu olho fixamente para ela. — Você armou isso?

— Eu sugeri. Há uma diferença. — Ela beija minha bochecha. — Divirta-se. Não pense demais.

Ela desaparece na multidão com Lucien, me deixando parada com Adrian, que está observando tudo isso com diversão.

— Sua amiga é intrometida — ele observa.

— Minha amiga acha que sabe o que é bom para mim melhor do que eu mesma.

— Ela sabe?

— O júri ainda está deliberando. — Faço um gesto em direção à nossa mesa. — Vamos?

A mesa M-3 fica em um canto, ligeiramente isolada. Enquanto nos sentamos, examino a sala automaticamente, absorvendo a cena surreal de seres sobrenaturais participando de speed dating. Uma mulher na mesa ao lado tem flores literalmente crescendo em seu cabelo enquanto fala. A sombra de um homem do outro lado da sala parece estar se movendo independentemente de seu corpo.

— Avassalador? — Adrian pergunta, seguindo meu olhar.

— Um pouco. Muito. Eu continuo esperando que alguém me belisque e me diga que isso tudo é uma elaborada pegadinha.

— Infelizmente, é bem real. Embora eu entenda o impulso de duvidar. Mentes humanas não foram projetadas para aceitar o impossível.

— Essa é sua maneira de dizer que estou lidando mal com isso?

— Pelo contrário. Você está lidando notavelmente bem. A maioria dos humanos que descobrem nosso mundo ou fogem gritando ou ficam obsessivamente fascinados. Você parece estar encontrando um meio-termo.

— O que há de errado em ficar fascinado?

— Nada, a menos que isso se sobreponha ao bom senso. Seres sobrenaturais

podem ser perigosos. Aproximar-se de nós com muito entusiasmo e pouca cautela raramente termina bem.

— E aproximar-me com cautela?

— Também não garante segurança, mas melhora suas chances.

Eu o estudo. Ele é bonito, obviamente, mas há algo quase alienígena em sua imobilidade. Ele não se agita, não muda de posição na cadeira, mal parece respirar.

— Posso te perguntar uma coisa? — digo.

— Certamente.

— Você realmente gosta disso? Speed dating, quero dizer. Parece muito moderno para alguém que claramente não é.

Um pequeno sorriso surge em seus lábios. — Você é perceptiva. Não, não gosto particularmente. Mas Maeve me pediu para comparecer esta noite, para ajudar com a introdução humana à nossa comunidade. Ela sentiu que minha presença seria reconfortante.

— Reconfortante como?

— Sou velho o suficiente para ser estável, experiente o suficiente para responder perguntas, e de acordo com Maeve, "não ameaçador porque sou obviamente reprimido demais para dar em cima de alguém".

Eu rio. — Ela disse isso?

— Foram suas palavras exatas.

— Ela não está errada sobre a parte reprimida.

— Prefiro "controlado".

— Mesma coisa, embalagem diferente.

— Talvez. — Ele se inclina para trás levemente. — E quanto a você? O que fez você confiar no julgamento de Maeve sobre tudo isso?

Penso sobre como responder. — Ela é minha melhor amiga desde a faculdade. Nunca a vi tão feliz quanto ela tem estado nesses últimos meses. Seja lá o que for este mundo, tem sido bom para ela. Bom para ela. Imagino que se ela pode encontrar felicidade aqui, talvez eu possa encontrar... algo.

— E o que você está procurando? Em geral, não necessariamente esta noite.

— Conexão, acho. Autenticidade. Eu estava tão cansada de sair com caras que pareciam variações da mesma pessoa. Mesmos empregos, mesmos interesses, mesmas conversas. — Faço um gesto ao redor da sala. — Isso definitivamente não é isso.

— Não. Embora seres sobrenaturais tenham seus próprios padrões e previsibilidades.

— Como quais?

— Vampiros tendem a ser dramáticos e excessivamente formais. Lobisomens

são orientados para a alcateia e territoriais. Bruxas frequentemente pensam que a magia é a solução para tudo. Os fae são bonitos e completamente indignos de confiança.

— E os demônios?

— Perigosos de maneiras difíceis de prever.

O sino soa — um tom cristalino que parece vir de toda parte ao mesmo tempo.

— Já? — Olho ao redor, confusa. — Mal começamos a conversar.

— Cinco minutos passam rapidamente quando a conversa é interessante. — Adrian se levanta. — Foi um prazer conhecê-la, Melissa. Espero que o resto da sua noite seja esclarecedora.

— Espere. — Eu também me levanto. — Vou te ver de novo? Quer dizer, em outros eventos, ou...

— Provavelmente. A comunidade sobrenatural é bastante pequena. Tendemos a nos cruzar com frequência.

— Bom. Acho que eu gostaria disso.

Ele sorri. — Sim. Eu também acho que gostaria.

Ele se move para a próxima mesa, e eu o observo ir. Há algo nele que é completamente diferente de qualquer pessoa que já conheci. Não apenas a coisa de vampiro — embora isso seja obviamente significativo — mas algo na maneira como ele se porta, como ele escuta, na deliberação de suas palavras.

Meu próximo par se senta — um lobisomem chamado Derek que é perfeitamente simpático e faz perguntas normais sobre meus interesses e o que faço no trabalho. Depois uma bruxa que quer saber se já experimentei algo sobrenatural antes (não), e um fae que fala principalmente em enigmas e me faz sentir um pouco tonta.

Entre cada rodada, vejo vislumbres de Adrian pela sala. Ele conversa com seus pares com educada atenção, mas percebo que ele também continua olhando para minha mesa.

Durante o intervalo, Maeve me encontra perto da mesa de bebidas.

— Como está indo? — ela pergunta.

— Estranho. Estranho bom, mas estranho. — Tomo um gole de vinho. — Adrian é interessante.

— Eu achei que você poderia pensar isso.

— Você realmente armou isso.

— Eu sugeri que vocês dois deveriam se conhecer. Achei que você apreciaria alguém que pudesse responder perguntas sem tentar impressioná-la. — Ela estuda meu rosto. — Mas há algo mais, não é?

— Não sei. Talvez. Ele é... diferente.

— Diferente como?

— Como se ele realmente me visse. Realmente me visse, não apenas a versão de mim que apresento para tornar a conversa mais fácil. — Balanço a cabeça. — Eu pareço ridícula.

— Você parece interessada.

— Mal o conheço.

— Mas você quer.

Penso sobre isso. — Sim. Acho que quero.

O sino soa novamente, chamando-nos de volta para a rodada final. Meu último par é um vampiro que passa os cinco minutos inteiros verificando seu telefone e claramente deseja estar em qualquer outro lugar.

Quando o evento oficialmente termina, as pessoas começam a se misturar mais livremente. Estou conversando com Petra sobre a dinâmica das alcateias de lobisomens quando Adrian se aproxima.

— Melissa. Como foi sua primeira experiência de speed dating sobrenatural?

— Educativa. Avassaladora. Meio incrível, na verdade. — Faço uma pausa. — Obrigada pela conversa anterior. Ajudou-me a sentir menos como se estivesse me afogando.

— Você pareceu se sair bem com os pares subsequentes.

— Mesmo com o fae que ficava falando em enigmas?

— Especialmente ele. Silas gosta de confundir os novatos. O fato de você não parecer abalada provavelmente o impressionou.

— Devo me sentir lisonjeada ou preocupada?

— Com os fae? Ambos.

Maeve aparece ao nosso lado com Lucien. — Pronta para ir? — ela me pergunta. — Posso te levar para casa.

Olho para Adrian, que observa essa troca com interesse.

— Na verdade — digo — posso pegar seu número? Caso eu tenha perguntas sobre tudo isso? — Faço um gesto vago para a sala. — Maeve disse que você era prestativo.

— Eu realmente disse isso — concorda Maeve, sorrindo.

Adrian pega seu telefone — um aparelho de aparência cara que ele manuseia como se ainda estivesse se acostumando com a tecnologia moderna. — Claro. Embora eu deva avisá-la, costumo enviar mensagens formalmente. Lucien me diz que é desconcertante.

— Eu escrevo mensagens em frases completas — digo. — Provavelmente nos daremos bem.

Trocamos números, e tento não notar como seus dedos são frios quando nossas mãos se tocam.

— Obrigada novamente — digo. — Por esta noite. Por tornar isso menos

aterrorizante.

— O terror nunca desaparece completamente — ele diz seriamente. — Você simplesmente se torna mais confortável com a incerteza.

— Reconfortante.

— Eu tento.

Lá fora, caminhando para o carro de Maeve, ela está praticamente saltitando de excitação.

— Então? — ela diz.

— Então o quê?

— Não se faça de boba. Adrian. Vocês dois passaram a noite inteira trocando olhares.

— Não passamos.

— Absolutamente passaram. Lucien também notou.

Olho para Lucien, que acena com a cabeça. — Bastante óbvio. Para vampiros, pelo menos. Geralmente somos mais observadores sobre essas coisas.

— Foi só uma conversa.

— Foi química — diz Maeve com firmeza. — O tipo que faz você mandar mensagem para alguém mais tarde só para continuar conversando.

— Não vou mandar mensagem para ele esta noite.

— Mas você vai mandar mensagem para ele.

Penso sobre o jeito cuidadoso de Adrian falar, seus olhos pálidos, a maneira como ele ouviu como se minhas palavras realmente importassem.

— Sim — admito. — Provavelmente vou.

Maeve sorri. — Eu sabia. Vocês dois são perfeitos um para o outro.

— Acabamos de nos conhecer.

— Eu soube que ia me casar com Lucien depois de uma conversa.

— Isso é insano.

— Isso são encontros sobrenaturais — diz Lucien suavemente. — As coisas acontecem rapidamente quando você está lidando com seres que aprenderam a não perder tempo com incertezas.

Em casa, sento-me no meu sofá com meu telefone, olhando para as informações de contato de Adrian. É pouco depois da meia-noite — tarde para humanos, provavelmente cedo para vampiros.

Finalmente, digito: *Obrigada novamente por esta noite. Você tornou minha introdução ao mundo sobrenatural muito menos aterrorizante do que poderia ter sido.*

Sua resposta vem rapidamente: *De nada. Espero que você tenha achado a experiência válida apesar do caos.*

Definitivamente válida. Pergunta: é sempre tão avassalador assim, ou você

eventualmente se acostuma?

Você se adapta. O impossível se torna meramente incomum, e então eventualmente rotina. Embora eu suspeite que você sempre manterá algum ceticismo saudável, o que é sábio.

Ceticismo saudável. Gosto disso mais do que "terror".

Muito mais digno.

Sorrio para meu telefone. *Posso te perguntar mais uma coisa?*

Certamente.

Por que você me ajudou esta noite? Você poderia ter apenas feito a coisa educada do speed dating e seguido em frente.

Uma pausa mais longa, então: *Você me lembrou por que ocasionalmente gosto de conhecer novas pessoas. Faz algum tempo desde que tive uma conversa com alguém que faz perguntas genuínas em vez de tentar me impressionar.*

Isso é coisa de vampiro? Pessoas tentando impressioná-lo?

É coisa de pessoas, infelizmente. Mas sim, seres sobrenaturais podem ser particularmente cansativos com isso.

Bem, eu não estava tentando impressioná-lo. Eu estava principalmente tentando não me envergonhar.

Você teve sucesso admirável em ambos os casos.

Percebo que estou sorrindo para meu telefone como uma adolescente.

Provavelmente deveria deixar você ir. É tarde.

Não durmo. O tempo é um tanto flexível para vampiros.

Certo. Ainda estou me ajustando à coisa toda de "sair com seres sobrenaturais".

Está? Saindo com seres sobrenaturais?

Olho fixamente para a mensagem, tentando entender o tom. Ele está perguntando de modo geral, ou especificamente?

Aparentemente estou considerando. Esta noite foi minha primeira incursão nessa possibilidade.

E suas conclusões?

Ainda processando. Mas definitivamente não estou fugindo gritando, o que me disseram que é um bom sinal.

Um excelente sinal. A maioria dos humanos não passa do choque inicial.

Sorte a minha.

De fato. Durma bem, Melissa.

Obrigada. Boa... noite? Noite? O que vampiros dizem?

Boa noite funciona. Embora "tenha uma existência agradável" seja tradicional.

Isso é muito vampiro da sua parte.

Eu sou um vampiro.

Bom argumento. Tenha uma boa noite, Adrian.

Você também.

Deixo meu telefone de lado e percebo que ainda estou sorrindo. Três horas atrás, eu não tinha certeza se vampiros existiam. Agora estou trocando mensagens com um que me faz rir e parece genuinamente interessado no que tenho a dizer.

2

O Moonlit Bean cheira a canela e magia — talvez porque a barista é uma bruxa literal que enfeitiça seus lattes. Estou cultivando meu terceiro café da tarde, o que é ou um compromisso com a cafeína ou covardia sobre voltar para meu apartamento vazio onde vou obsessivamente verificar meu telefone.

Verifico meu telefone de qualquer forma.

A última mensagem de Adrian está no topo das minhas mensagens, enviada há quarenta e sete minutos. *O documentário que você recomendou foi fascinante. Embora eu deva observar que o vampiro retratado era absurdamente impreciso.*

Eu respondi com três emojis de risada e um comentário sobre os crimes de Hollywood contra a precisão sobrenatural. Ele mandou de volta um único ponto final, que aprendi ser o jeito de Adrian dizer "estou sorrindo, mas morrerei antes de usar um emoji".

Duas semanas disso. Duas semanas de mensagens constantes, piadas internas se desenvolvendo em velocidade relâmpago, ele me enviando artigos sobre história sobrenatural às 3 da manhã porque "achou que eu acharia interessantes". Duas semanas do meu coração saltando toda vez que meu telefone vibra.

Duas semanas de absolutamente nenhuma clareza sobre o que somos.

A porta toca, e não preciso olhar para cima para saber que é ele. O ar parece carregado de eletricidade. Meu pulso acelera, o que é constrangedor porque ele definitivamente pode ouvir.

— Melissa. — Sua voz faz algo ao meu sistema nervoso.

Olho para cima, tentando parecer casual, provavelmente conseguindo parecer levemente perturbada. Adrian parece ter saído de um anúncio de colônia —

cabelo escuro perfeitamente estilizado, olhos azul-gelo avaliando, vestindo um suéter cinza carvão que provavelmente custa mais do que meu aluguel. Ele está nesta terra há mais de dois séculos, e de alguma forma sou eu quem o deixa nervoso. Posso dizer pelo jeito que ele está segurando o telefone um pouco apertado demais.

— Oi. — Faço um gesto para o assento à minha frente. — Quer um café? Ah, espera...

— Posso beber café — diz ele, com um toque de diversão na voz enquanto se senta. — Eu simplesmente não preciso. Mas gosto do ritual.

Ele pede um americano, preto, o que parece muito adequado à sua personalidade. Quando retorna à mesa, sentamos em silêncio confortável por exatamente quatro segundos antes de se tornar um silêncio desconfortável.

— Então — digo.

— De fato — ele responde.

Mandamos bem. Somos excelentes nisso.

Adrian limpa a garganta, o que ele não precisa fazer porque não respira, o que significa que é um sinal de nervosismo, o que me deixa ainda mais nervosa.

— Estive pensando.

Meu estômago despenca. Lá vem. O discurso "você é adorável, mas sou imortal e você é muito mortal e isso não pode funcionar". Tenho ensaiado minha resposta — descontraída, compreensiva, definitivamente sem chorar.

— Sobre sua situação — ele continua.

— Minha situação?

— Sua... — Ele pausa, escolhendo as palavras cuidadosamente. — Entrada na comunidade sobrenatural. Você só experimentou uma fração do que este mundo oferece.

Não tenho ideia para onde isso está indo, o que provavelmente é evidente pelo meu olhar vazio.

Ele não está encontrando meus olhos agora, estudando seu café com intenso foco.

— Você deveria explorar suas opções. Sair com outras espécies. Experimentar toda a amplitude do que está disponível antes de você... — Ele para abruptamente.

— Antes de eu o quê?

— Antes de você se estabelecer — ele termina baixinho.

Estabelecer? Eu estava prestes a me estabelecer? Com ele? Repasso nossas duas semanas de comunicação constante, o jeito como ele olha para mim como se eu fosse a única pessoa em qualquer sala, como ele apareceu às 2 da manhã na semana passada quando mandei mensagem sobre um barulho estranho no meu

apartamento (era o gato do meu vizinho, mas ele veio mesmo assim).

Estabelecer.

Certo.

— Isso é prático — ouço-me dizer. Minha voz soa normal, o que é impressionante porque internamente estou gritando. — Você está certo. Mal sei o que existe por aí. Um evento de speed dating não é exatamente uma pesquisa abrangente.

Decepção passa pelo seu rosto. Mas desaparece tão rápido que eu posso ter imaginado.

— Precisamente — ele diz neutralmente. — O mundo sobrenatural é vasto. Lobisomens, fae, demônios, bruxas — você deveria entender todas as suas possibilidades.

— Minhas possibilidades. — Tomo um longo gole de café para evitar olhar para ele. — Claro. Faz sentido.

— Fico feliz que você concorde. — Ele está usando sua voz formal agora, aquela que significa que ele recuou para trás de seus muros centenários. — Eu apenas quero que você tome uma decisão informada.

— Sobre minha vida amorosa.

— Sim.

— Que você acha que eu deveria expandir.

— Acho.

Estamos ambos mentindo. Estamos absolutamente mentindo, e ambos sabemos, e nenhum de nós é corajoso o suficiente para apontar isso.

— Tudo bem, então. — Coloco minha xícara na mesa com um estrondo. — Vou voltar lá. Speed dating rodada dois. Realmente explorar essas opções.

— Excelente. — Ele está segurando sua xícara de café com tanta força que me preocupo com a integridade estrutural da cerâmica. — Estou satisfeito por você estar abordando isso logicamente.

— Ah, sou super lógica. Sou eu. Lógica e racionalidade o caminho todo.

— De fato.

Sentamos em silêncio novamente. Desta vez, é definitivamente desconfortável.

Meu telefone vibra — uma mensagem de Petra, a lobisomem que organizou o primeiro evento de speed dating. Abro sem pensar.

E aí, garota! Ouvi que você está pronta para a rodada dois. Temos um evento sexta à noite — rostos novos, boa energia. Topa?

Mostro a tela para Adrian antes que eu possa duvidar de mim mesma. — Olha só. Timing perfeito.

Ele lê, e perigo relampeja em seus olhos antes que sua máscara retorne. —

Que oportuno.

— Você vai... — Não sei por que estou perguntando isso. Talvez porque sou masoquista. — Você vai estar lá?

— Eu compareço à maioria dos eventos — ele diz. — Para garantir que os convidados humanos permaneçam seguros.

— Certo. Segurança. Claro.

Respondo a Petra: *Conte comigo.*

A resposta dela é imediata: *SIM! Vou arranjar alguns pares de qualidade para você. Temos um lobisomem que é PERFEITO para você. Confie em mim.*

Mostro essa mensagem para Adrian também, porque aparentemente me odeio.

— Um lobisomem — ele diz secamente.

— Ela parece animada com isso.

— Lobisomens são... — Ele pausa, mandíbula tensa. — Leais. Protetores. Bons parceiros, pelo que entendo.

— Grande elogio.

— Estou simplesmente sendo objetivo.

— Tão objetivo.

As mentiras estão ficando mais óbvias, o que seria engraçado se meu peito não doesse.

Adrian termina seu café em um longo gole, o que parece fisiologicamente desnecessário, mas dramaticamente eficaz. — Devo ir. Tenho assuntos para resolver.

— Claro. Sim. Eu também. Muitos assuntos.

Ele se levanta, hesita. Por um segundo, acho que ele vai dizer algo real — algo honesto que vai quebrar essa charada ridícula que estamos realizando. Sua mão se move em minha direção, então para.

— Boa sorte na sexta — ele diz em vez disso.

— Obrigada.

Ele sai sem olhar para trás, e eu fico sentada sozinha com meu café frio e a certeza profunda de que acabei de concordar com algo catastroficamente estúpido.

Meu telefone vibra novamente. Adrian: *Vista-se com agasalhos. Lobisomens têm temperatura alta e tendem a favorecer locais ao ar livre.*

Olho fixamente para a mensagem, então digito de volta: *Preocupado comigo?*

A resposta leva trinta segundos, o que é uma eternidade para ele: *Simplesmente conselho prático.*

Certo. Prático.

Outra pausa, mais longa desta vez: *Melissa.*

Meu coração para: *Sim?*

Três pontos aparecem, desaparecem, aparecem novamente. Finalmente: *Deixa pra lá. Vejo você sexta.*

Deixo meu telefone cair na mesa e coloco a cabeça nas mãos. A barista bruxa passa para reabastecer meu café.

— Problemas com vampiros? — ela pergunta simpaticamente.

— Como você...

— Querida, todo mundo aqui conseguia ouvir seu coração. Você está mal mesmo.

— Ele quer que eu saia com outras pessoas — murmuro em minhas palmas.

— E você acreditou nele?

Olho para cima. — Ele foi bem claro sobre isso.

Ela balança a cabeça, sorrindo. — Vampiros. Eles podem viver para sempre, mas ainda não conseguem lidar com seus sentimentos. Ele está aterrorizado, querida. É isso que está acontecendo.

— Aterrorizado com o quê?

— Com você. De querer você. Do fato de que você é humana e complicada e poderia partir o coração dele. — Ela dá tapinhas no meu ombro. — Então ele está afastando você antes que você possa ir embora. História tão velha quanto o tempo.

— Isso é... — Considero. — Na verdade, é ridículo. Eu não vou a lugar nenhum.

— Você disse isso a ele?

— Bem, não, mas...

— Então sexta-feira deve ser interessante. — Ela pisca e se afasta, me deixando com café fresco e uma cabeça cheia de pensamentos que não quero examinar.

Meu telefone vibra. Adrian novamente: *Eu quis dizer o que disse. Você deveria explorar suas opções. Você merece fazer uma escolha informada.*

Digito e apago quatro respostas diferentes antes de me decidir por: *Ok.*

A resposta dele é instantânea: *Ok.*

Somos ambos tão desastrosos.

Passo o resto da tarde em espiral, pesquisando coisas como "indisponibilidade emocional de vampiros" e "como saber se um ser sobrenatural gosta de você" e "é possível estrangular alguém que não precisa respirar".

Os resultados da pesquisa não ajudam.

Quando chego em casa, me convenci de que Adrian está certo — eu deveria sair com outras pessoas. Ver o que mais existe por aí. Talvez eu conheça um lobisomem que me faça sentir como Adrian faz. Talvez o problema seja que tenho estado muito focada em um vampiro impossivelmente lindo e

emocionalmente constipado quando há um mundo sobrenatural inteiro de possibilidades.

Talvez eu esteja mentindo para mim mesma.

Definitivamente mentindo para mim mesma.

Mando mensagem para minha amiga Sarah, que felizmente desconhece o mundo sobrenatural e acha que tenho saído apenas com caras normais com horários esquisitos.

Vou ao speed dating de novo na sexta, conto a ela.

Melissa! Sim! Aquele cara não deu certo?

É complicado.

Eles sempre são. Bem, que bom que você está voltando lá. Muitos peixes no mar!

Se ela soubesse como isso pode ser literal. Maeve disse que viu uma selkie em um dos eventos.

Sexta-feira está a três dias de distância. Três dias para me preparar para sair com pessoas que não são Adrian. Três dias para me convencer de que isso é uma boa ideia.

Três dias para descobrir como parar de verificar meu telefone a cada trinta segundos para ver se ele mandou mensagem.

Ele mandou: *Durma bem.*

Olho para a mensagem por muito tempo antes de responder: *Você também.*

Eu não durmo.

Eu sei. Mas o sentimento permanece.

Uma pausa, então: *Obrigado. E Melissa?*

Sim?

O lobisomem que Petra mencionou — Derek, acho que é o nome dele. Ele é... adequado. Respeitoso. Você estará segura com ele.

Franzo a testa para meu telefone: *Você tem pesquisado meus potenciais encontros?*

Simplesmente garantindo sua segurança.

É definitivamente isso que é.

3

A sexta-feira à noite me encontra parada do lado de fora do mesmo centro comunitário onde tudo começou, vestindo um vestido verde-escuro que Maeve insistiu que me fazia parecer "misteriosa e ideal para encontros". Me sinto principalmente nauseada, mas aprecio a confiança dela.

O estacionamento está mais cheio desta vez — aparentemente a notícia sobre humanos participando de speed dating sobrenatural se espalhou. Vejo pelo menos três outros humanos verificando nervosamente seus telefones junto aos seus carros. Trocamos acenos de solidariedade.

Dentro, o espaço foi transformado. Velas flutuam sem suporte, lançando uma luz quente que faz todos parecerem mágicos. O que a maioria deles é, então faz sentido. Música suave toca sem fonte visível, e o ar vibra com energia que faz minha pele arrepiar.

Petra me vê imediatamente e acena com entusiasmo. Ela está usando calças de couro e uma blusa cropped que mostra seus abdominais definidos, porque lobisomens aparentemente não têm problemas de insegurança corporal.

— Melissa! Você está incrível! — Ela me puxa para um abraço que me levanta ligeiramente do chão. — Arranjei alguns pares incríveis para você esta noite. Mas primeiro — Derek.

Ela gesticula para um cara parado perto da mesa de bebidas, e devo admitir, ele é atraente. Alto, de ombros largos, com olhos castanhos calorosos e um sorriso fácil. Seu cabelo escuro está levemente bagunçado de um jeito que parece intencional, e ele está vestido casualmente de jeans e henley.

— Derek, esta é Melissa — anuncia Petra, me empurrando para frente sem

nenhuma sutileza. — Melissa, Derek. Vocês dois vão se dar muito bem. Posso sentir o cheiro.

— Por favor, não nos cheire de verdade — murmuro.

Derek ri, e é uma risada agradável — genuína e natural. — Não se preocupe, manterei meus sentidos aprimorados para mim mesmo. Na maior parte. — Ele estende a mão. — Prazer em conhecê-la.

Sua mão é quente, quase ardente. Coisa de lobisomem, suponho. — Igualmente.

Petra praticamente sai saltitando, parecendo satisfeita consigo mesma.

— Então — diz Derek — primeira vez conhecendo um lobisomem?

— Segunda, tecnicamente. Petra foi a primeira.

— Ah, você experimentou o estilo de cumprimento de contato total. Ela é sutil como um trem de carga. — Ele sorri. — Quer pegar uma bebida antes que isso comece oficialmente? Comparar anotações sobre ser cobaias de speed dating sobrenatural?

— Isso soa perfeito.

Vamos para a mesa de bebidas, que apresenta uma mistura interessante de lanches normais e coisas que não reconheço. Derek pega uma cerveja; opto por vinho, porque preciso de algo para fazer com minhas mãos.

— Primeiro evento de speed dating para você? — pergunto.

— Terceiro. Os dois primeiros foram... — Ele faz uma careta. — Digamos que a proporção de lobisomens para sobrenaturais normais não estava a meu favor. Muitos vampiros e bruxas que acham que lobisomens são pouco sofisticados.

— Isso é ridículo.

— Não é? — Ele toma um gole de cerveja. — Somos perfeitamente sofisticados. Só também gostamos de correr pelos bosques e uivar para a lua. Chama-se versatilidade.

Eu rio, e é bom — fácil. — O que fez você voltar depois de duas tentativas malsucedidas?

— Otimismo eterno? Glutão por punição? — Ele dá de ombros. — Honestamente, minha alcateia não para de me incomodar sobre encontrar alguém. Lobisomens são criaturas sociais. Eles se preocupam quando ficamos sozinhos por muito tempo.

— Isso parece... intenso.

— Pode ser. Mas também é bom, ter pessoas que se importam tanto. Mesmo quando estão sendo intrometidas sobre sua vida amorosa. — Ele me estuda com seus olhos calorosos. — E você? O que traz uma humana ao speed dating sobrenatural?

— Longa história envolvendo um erro em aplicativo de namoro e a descoberta

de que vampiros são reais.

— História de origem clássica. — Ele sorri. — E você está... não quero presumir, mas está especificamente procurando parceiros sobrenaturais? Ou apenas aberta a qualquer coisa?

É uma pergunta justa, e não tenho uma boa resposta. — Acho que estou descobrindo isso.

Antes que ele possa responder, Petra bate palmas alto. — Certo, pessoal! Vamos começar! Encontrem seu primeiro par — os nomes estão nas mesas!

A sala se reorganiza em um caos organizado. Derek verifica seu telefone para seu primeiro par, e seu rosto se ilumina. — Ei, estamos emparelhados para a primeira rodada. Mesa sete.

— Quais são as chances? — digo secamente.

— Com Petra organizando? Cem por cento. — Ele oferece seu braço. — Vamos?

A mesa sete fica em um canto, ligeiramente isolada. Enquanto nos sentamos, examino a sala automaticamente, procurando por—

Lá. Perto da entrada, parcialmente sombreado, mas impossível de perder. Adrian está com sua postura perfeita habitual, vestindo preto, parecendo que está participando de um funeral. Seu funeral, especificamente. Seus olhos encontram os meus através da sala, e um reconhecimento passa entre nós.

Então Derek diz algo, e me forço a focar.

— Desculpe, o quê?

— Perguntei se você já esteve em outros eventos sobrenaturais. — Derek se inclina para frente, genuinamente interessado. — Ou o speed dating é sua porta de entrada?

— Só o speed dating até agora. E uma visita muito estranha a um café sobrenatural onde a barista leu meus problemas românticos como um livro aberto.

— O Moonlit Bean? Ah sim, Stella é boa nisso. Bruxas. — Ele diz isso afetuosamente. — Então, problemas românticos? Quer falar sobre isso, ou é pesado demais para uma primeira rodada de speed dating de cinco minutos?

Aprecio sua franqueza. — Digamos que estou tentando descobrir se o que quero é realmente possível.

— Parece complicado.

— Tudo sobre este mundo parece complicado.

— Verdade. — Ele acena pensativamente. — Mas também mais simples de algumas maneiras. Pessoas sobrenaturais tendem a ser bastante diretas sobre o que querem. Vivemos tempo demais — ou muito intensamente — para perder tempo com jogos.

— Deve ser bom.

— É. Quando as pessoas não estão sendo idiotas sobre seus sentimentos. — Ele sorri. — Não que eu saiba algo sobre isso.

Conversamos facilmente pelo resto dos nossos cinco minutos — sobre seu trabalho como empreiteiro, meu trabalho em marketing, a estranheza de navegar em dois mundos ao mesmo tempo. Ele é engraçado e gentil, e posso dizer que está interessado. Quando o sino toca para a troca, ele parece genuinamente desapontado.

— Posso te ver de novo? — ele pergunta. — Tipo, um encontro de verdade? Jantar, talvez uma caminhada? Prometo só uivar para a lua se você especificamente pedir.

Olho através da sala sem querer. Adrian está falando com uma bruxa, mas seus ombros estão rígidos, sua mandíbula tensa.

— Claro — ouço-me dizer. — Parece legal.

O sorriso de Derek é amplo e genuíno. — Ótimo. Mandarei mensagem — Petra pode me dar seu número, certo?

— Provavelmente já tem meu número, número do seguro social e tipo sanguíneo prontos para você.

— Eficiência de lobisomem. — Ele se levanta, aperta meu ombro gentilmente. — Boa sorte com o resto dos seus pares.

Meus próximos três pares se confundem — uma bruxa que passa os cinco minutos inteiros explicando sua tese sobre teoria mágica, um vampiro que parece mais interessado em seu telefone do que na conversa, e um fae que fala inteiramente em enigmas.

Entre cada rodada, vejo vislumbres de Adrian. Ele também está emparelhado com pessoas — uma bela mulher vampira que continua tocando seu braço, uma bruxa que o faz rir. Aquela risada me destrói. É rara, verdadeira, e dirigida a alguém que não sou eu.

Durante o intervalo, escapo para o banheiro para me reagrupar. O espelho mostra alguém se esforçando demais — lábios pressionados, olhos brilhantes demais. Jogo água fria no rosto e dou a mim mesma uma conversa séria.

— Você concordou com isso. Está explorando suas opções. Derek é legal. Isso é bom.

Não está bom.

Quando saio, Adrian está parado no corredor como se estivesse esperando. Nós nos encaramos por um longo momento.

— Como está indo? — ele pergunta neutralmente.

— Bem. Ótimo. Derek parece realmente legal.

Algo sombrio cruza sua expressão. — Derek.

— O lobisomem. Petra nos apresentou.

— Estou ciente. — Sua mandíbula se aperta. — Vi vocês conversando. Pareciam... compatíveis.

— Vamos jantar. Um encontro de verdade.

As palavras pairam entre nós como vidro quebrado. As mãos de Adrian se fecham em punhos, depois deliberadamente relaxam.

— Isso é excelente — ele diz, e quase parece que está falando sério. — Lobisomens são parceiros leais. Você será bem cuidada.

— É isso que eu deveria procurar? Alguém para cuidar de mim?

— Entre outras qualidades, sim.

— Que outras qualidades?

Ele fica quieto por um longo momento, e quando fala, sua voz está mais baixa, mais áspera. — Alguém que possa dar a você a vida que merece. Luz do dia. Calor. Um futuro.

— Adrian...

— Devo retornar ao evento. Eles começarão a próxima rodada em breve. — Ele passa por mim, perto o suficiente para que eu sinta a frieza de sua presença, mas ele não me toca. — Aproveite sua noite, Melissa.

Observo-o se afastar, e algo dentro de mim se quebra.

O resto do evento é tortura. Meus últimos pares mal registram. Estou hiperatenta a Adrian do outro lado da sala, me observando com uma intensidade que ele está tentando e falhando em esconder. Quando Derek me encontra após a última rodada para confirmar nosso encontro para amanhã à noite, vejo a expressão de Adrian se fechar completamente.

— Tive um ótimo tempo esta noite — diz Derek, alheio ao vampiro irradiando tensão a quinze pés de distância. — Amanhã às sete? Conheço um ótimo lugar italiano.

— Perfeito.

Ele hesita, depois se inclina e beija minha bochecha. É doce, apropriado, e não me faz sentir nada exceto consciente da súbita imobilidade de Adrian.

— Vejo você amanhã — diz Derek, e sai com um aceno.

A sala está esvaziando. Eu deveria ir para casa, mas em vez disso me vejo caminhando em direção a Adrian, que está parado sozinho perto da janela.

— Noite bem-sucedida? — pergunto.

Ele não olha para mim. — Adequada.

— Apenas adequada?

— Não sou eu quem garantiu um encontro com um lobisomem elegível.

— Você me disse para sair com outras pessoas.

— Eu disse.

— Então por que você parece que quer quebrar alguma coisa?

Finalmente, ele se vira para me encarar, e o olhar em seus olhos rouba meu fôlego. Há fome ali, e fúria, e algo desesperado que ele está tentando conter.

— Eu não quero — ele diz cuidadosamente. — Quero que você seja feliz. É só isso.

— Mentiroso.

— Melissa...

— Você é um péssimo mentiroso, Adrian. Para alguém que teve dois séculos para praticar.

Sua risada é amarga. — Talvez eu simplesmente esteja fora de prática com esta forma particular de engano.

— Que é?

— Fingir que eu não... — Ele para, mandíbula cerrada. — Não importa. Você está saindo com Derek. Isso é bom. É o que deveria acontecer.

— Mesmo que isso esteja te matando?

— Eu já estou morto. Não posso ser morto.

— Você sabe o que quero dizer.

Ele fecha os olhos brevemente. Quando os abre, eles voltaram ao seu azul-gelo habitual, controlado e distante. — Vá ao seu encontro, Melissa. Dê a ele uma chance justa. Ele é um bom homem. Muito mais adequado para você do que...

— Do que o quê?

— Do que alguém que não pode dar o que você precisa.

— E o que eu preciso?

— Mais do que posso oferecer.

Ficamos ali na sala que se esvazia.

— Devo ir — digo finalmente.

— Sim.

— Vejo você por aí?

— Sem dúvida. A comunidade sobrenatural é menor do que parece.

Viro-me para sair, dou três passos antes que sua voz me pare.

— Melissa.

Olho para trás.

— Fique segura amanhã. Lobisomens são gentis com aqueles com quem se importam, mas podem esquecer sua própria força. Se ele... se alguma coisa te deixar desconfortável...

— Eu te ligo?

Sua expressão suaviza fracamente. — Sim. Por favor.

— Mesmo que você queira que eu saia com outras pessoas?

— Eu quero que você esteja segura mais do que quero que você saia com

qualquer pessoa.

É a coisa mais honesta que ele disse a noite toda, e isso quebra meu coração um pouco mais.

4

Derek me busca às sete em ponto, dirigindo uma caminhonete que cheira a pinheiro e cachorro molhado — o que, dada sua natureza, parece tanto apropriado quanto ligeiramente preocupante. Ele está bem vestido em jeans escuro e uma camisa social, seu cabelo realmente penteado pela primeira vez.

— Você está linda — ele diz quando entro no banco do passageiro.

— Obrigada. Você também.

O restaurante italiano é aconchegante e pouco iluminado, e Derek claramente já esteve aqui antes, porque a recepcionista o cumprimenta pelo nome. Somos acomodados rapidamente, e pelos primeiros vinte minutos, tudo é... agradável. Fácil. Ele pergunta sobre meu dia, conta histórias engraçadas sobre sua equipe de construção, faz piadas autodepreciativas sobre estereótipos de lobisomens.

Estou rindo de sua imitação do alfa quando ele diz: — Então, provavelmente devo mencionar — minha alcateia quer conhecer você.

Faço uma pausa com minha taça de vinho a meio caminho dos meus lábios. — Já?

— Eu sei, eu sei. — Ele faz uma careta. — É coisa de lobisomem. Somos comunitários. Quando um de nós se interessa por alguém, a alcateia se envolve. Eles estão me mandando mensagens o dia todo perguntando sobre você.

— Isso é... — Procuro por uma palavra educada. — Intenso.

— Sim. Eu disse para eles recuarem, mas estão animados. Faz um tempo que não me interesso por alguém. — Ele estende a mão pela mesa, pegando a minha. Sua palma é quente, quase ardente. — Você se importaria de conhecê-los? Amanhã, talvez? Apenas casual, um churrasco na casa da alcateia. Sem pressão.

Não há nada de baixa pressão em conhecer uma alcateia de lobisomens, mas a esperança em seus olhos torna difícil recusar. — Claro. Parece bom.

Seu sorriso é brilhante. — Incrível. Eles vão amar você.

O resto do jantar transcorre tranquilamente, embora eu perceba que ele verifica seu telefone várias vezes, presumivelmente membros da alcateia exigindo atualizações. Quando ele me deixa em casa, me acompanha até a porta como um cavalheiro.

— Eu me diverti muito — ele diz.

— Eu também.

— Posso... — Ele hesita. — Posso te beijar?

É doce que ele pergunte. Aceno com a cabeça, e ele se inclina lentamente, dando-me tempo para mudar de ideia. O beijo é quente e agradável e me faz sentir absolutamente nada, exceto culpada.

Quando ele se afasta, sua expressão é pensativa. — Você está pensando em outra pessoa.

Congelo. — O quê?

— Posso ouvir seu batimento cardíaco. Está errático. E você cheira a... — Ele pausa. — Conflito. Tristeza. Você está aqui, mas não está realmente aqui.

— Sinto muito...

— Não se desculpe. — Ele aperta minha mão gentilmente. — Não estou bravo. Apenas observador. Sentidos de lobisomem. — Ele estuda meu rosto. — É o vampiro?

— Como você...

— Eu vi como ele olhou para você no evento. E como você olhou para ele. — O sorriso de Derek é triste. — Mas também ouvi ele dizer para você sair com outras pessoas, o que é idiota, mas enfim. Então estou supondo que isso é complicado?

— Extremamente.

— Bem, venha conhecer a alcateia de qualquer forma. Talvez ter alguma clareza sobre se um relacionamento com um lobisomem poderia funcionar ajude você a descobrir o que realmente quer. — Ele beija minha testa. — Vejo você amanhã. Passo para te buscar às duas.

Observo-o partir, então imediatamente mando mensagem para Adrian: *Como foi sua noite?*

Sua resposta é instantânea, como se estivesse esperando: *Sem acontecimentos. E a sua?*

Complicada.

Uma pausa, então: *Derek?*

Ele é legal.

Isso não é uma resposta.

Vou conhecer a alcateia dele amanhã.

A próxima resposta demora mais: *Isso é significativo. Lobisomens não apresentam parceiros potenciais à alcateia casualmente.*

Estou ciente.

Você está pronta para esse nível de compromisso?

Não sei. Você vai continuar me evitando enquanto eu descubro?

Sem resposta. Olho fixamente para meu telefone por cinco minutos antes de desistir e ir para a cama.

Às 3 da manhã, meu telefone vibra: *Não estou evitando você. Estou dando espaço para você fazer a escolha certa.*

E se eu não souber qual é a escolha certa?

Então talvez conhecer a alcateia dele esclareça as coisas.

Você é irritante.

Sim. Durma bem, Melissa.

Eu não durmo bem.

Na tarde seguinte, Derek me busca de bermuda cargo e camiseta, muito mais relaxado que na noite anterior. — O código de vestimenta da alcateia é casual — ele explica. — Vamos fazer churrasco, provavelmente jogar vôlei, talvez nos transformar se der vontade.

— Transformar?

— Em lobos. Não se preocupe, todos temos controle. É só mais confortável às vezes. — Ele olha para mim. — Isso é estranho?

— Tudo na minha vida é estranho agora. Isso mal chega a ser registrado.

A casa da alcateia fica na floresta, a vinte minutos da cidade — uma grande cabana cercada por árvores e espaço aberto. Quando chegamos, vejo pelo menos quinze pessoas espalhadas pelo quintal, e todas param o que estão fazendo para olhar fixamente para a caminhonete de Derek.

— Respire fundo — diz Derek. — Eles só estão curiosos.

Saímos, e imediatamente sou cercada. Lobisomens aparentemente não têm muito senso de espaço pessoal. Eles se aproximam, vozes sobrepostas, fazendo perguntas que mal consigo processar.

— Esta é ela?

— Ela é pequena. Será que é forte o suficiente?

— Derek, você explicou a dinâmica da alcateia?

— Ela cheira a humana. Ela é humana?

— Obviamente ela é humana, Marcus, use seus olhos.

Derek corta o caos. — Todo mundo, afastem-se. Vocês estão sobrecarregando-a. — Ele coloca um braço protetor ao redor dos meus ombros. — Melissa, estes

são... todos. Todos, Melissa. Agora deem a ela algum espaço antes que ela corra de volta para a caminhonete.

Eles recuam um pouco, mas posso sentir seus olhos me avaliando. Uma mulher se aproxima — alta, musculosa, com mechas prateadas em seu cabelo escuro. Ela se porta com autoridade inconfundível.

— Sou Patricia. Alfa desta alcateia. — Seu aperto de mão é firme o suficiente para me fazer estremecer. — Derek nos falou sobre você.

— Prazer em conhecê-la.

— Veremos. — Seu sorriso não alcança seus olhos. — Derek é importante para esta alcateia. Protegemos os nossos. Você entende?

— Entendo.

— Bom. — Ela me estuda por um longo momento, então acena para Derek. — Mostre a ela. O jantar é em uma hora.

Derek me leva para longe do grupo principal, dando-me um tour pela propriedade. O terreno é bonito — colinas ondulantes, floresta densa, uma área limpa para o que ele chama de "corridas de lua cheia". Outros membros da alcateia acenam ou balançam a cabeça, mas mantêm distância, o que eu aprecio.

— Patricia parece... — procuro por uma palavra diplomática.

— Protetora? Sim. Ela é alfa há vinte anos. Leva o papel a sério. — Ele aperta minha mão. — Não se preocupe. Ela só está avaliando você. Procedimento padrão.

— O que acontece se eu não passar na inspeção?

Ele não responde, o que é resposta suficiente.

O jantar é avassalador. Vinte lobisomens comendo é um espetáculo — eles consomem comida em uma taxa alarmante, falando e rindo e ocasionalmente rosnando uns para os outros no que acho que é afeição. Estou sentada entre Derek e uma loba mais jovem chamada Sophie que me faz aproximadamente oitocentas perguntas sobre ser humana.

— Então você simplesmente... envelhece normalmente? — ela pergunta, fascinada. — Tipo, você vai ficar velha um dia?

— Esse é o plano.

— Estranho. — Ela me passa a salada de batata. — Derek tem trinta e dois anos. Em anos de lobisomem, isso significa que ele vai parecer basicamente o mesmo por mais sessenta anos, talvez mais. Você estaria... — Ela faz as contas. — Velha.

— Sophie — Derek adverte.

— O quê? Só estou dizendo. É relevante. — Ela olha para mim. — Como você planeja lidar com isso?

— Na verdade, não pensei sobre isso.

— Deveria. Patricia não aprovará uma parceira humana que não tenha considerado a questão da longevidade. Vivemos vidas longas. Nossos parceiros precisam ser capazes de acompanhar ou... — Ela para diante da expressão de Derek. — Ou encontrar outras soluções. Existem maneiras. Magia, transformação, o que for.

— Transformação? — De repente me sinto fria. — Como se tornar uma lobisomem?

— Não é comum, mas possível. Se ambas as partes consentirem e o alfa aprovar. — Sophie dá de ombros. — São apenas opções.

Derek muda de assunto, mas as palavras ecoam na minha cabeça. Transformação. Tornar-se algo diferente de humana. É isso que isso exigiria?

Depois do jantar, Patricia me encontra sozinha na varanda.

— Derek é um bom homem — ela diz sem rodeios. — Leal, forte, gentil. Qualquer alcateia teria sorte em tê-lo.

— Posso perceber.

— Mas ele também é jovem. Impulsivo. Ele gosta de você, mas não pensou nas implicações. — Ela me fixa com um olhar duro. — Você pensou?

— Tivemos um encontro.

— Lobisomens se movem rápido quando encontram alguém que querem. A questão é se você consegue acompanhar. Se está disposta a se integrar à vida da alcateia, aceitar a autoridade da alcateia, potencialmente se transformar — literalmente — para fazer isso funcionar. — Ela cruza os braços. — A maioria dos humanos não está. Eles gostam da ideia de namorar um lobisomem, mas não da realidade de se tornar parte da alcateia.

— Isso é justo.

— É isso que você quer?

Penso sobre isso — realmente penso sobre isso. A comunidade constante, a falta de privacidade, a expectativa de submissão à hierarquia da alcateia. Potencialmente desistir da minha humanidade.

— Não sei — admito.

— Então você não deveria estar aqui. — Sua voz não é maldosa, apenas direta. — Derek já está se apegando. Se isso não vai funcionar, melhor terminar agora.

— Você está certa.

Ela acena, satisfeita. — Deixarei você contar a ele. Ele merece honestidade.

Encontro Derek na fogueira, rindo com um grupo de membros mais jovens da alcateia. Quando ele vê meu rosto, seu sorriso desaparece.

— Podemos conversar? — pergunto.

Caminhamos até sua caminhonete, longe de ouvidos curiosos — embora com

a audição de lobisomem, privacidade seja provavelmente uma ilusão.

— Sua alfa não aprova — digo.

— Patricia é cautelosa. Ela vai mudar de ideia...

— Derek. — Toco seu braço. — Acho que não sou talhada para isso. A alcateia, as expectativas, toda essa possibilidade de tornar-me-lobisomem que Sophie mencionou casualmente sobre a salada de batata.

Ele suspira. — Ela não deveria ter trazido isso à tona. Não é necessário...

— Mas pode ser eventualmente. Certo? Se isso ficasse sério? — Encontro seus olhos. — E mesmo que não seja necessário, ainda existe a hierarquia da alcateia, a vida comunitária, todo mundo sabendo dos assuntos de todo mundo. Isso não sou eu. Mal consigo lidar com minha própria família no Dia de Ação de Graças.

Ele ri tristemente. — Sim. Eu estava preocupado com isso. — Ele fica quieto por um momento. — É o vampiro, não é?

— É mais complicado do que...

— Melissa. — Sua voz é gentil. — Posso sentir o cheiro dele em você. Não literalmente — você não esteve perto dele recentemente. Mas você pensa nele constantemente. Seu coração dispara quando seu telefone vibra. Você está fisicamente aqui, mas emocionalmente em outro lugar. — Ele aperta minha mão. — Eu gosto de você. Acho que poderíamos ter sido bons juntos em outro universo. Mas não quero ser a segunda opção de alguém.

— Você não é...

— Sou. E tudo bem. Melhor saber agora do que daqui a seis meses quando eu estiver realmente apaixonado por você. — Ele me puxa para um abraço. — Vá falar com ele. Descubra se o que vocês dois têm é real ou apenas tensão complicada.

— E se não der certo?

— Pelo menos você vai saber. E ei, se a coisa do vampiro implodir espetacularmente, você sabe onde me encontrar. — Ele sorri. — Aviso justo, no entanto — Patricia fará você passar por um processo de avaliação ainda mais intenso da próxima vez.

Eu rio apesar de tudo. — Obrigada por entender.

— Obrigado por ser honesta. — Ele me acompanha até sua caminhonete. — Vamos lá. Vou te levar para casa.

A viagem de volta é silenciosa, mas não desconfortável. Quando chegamos ao meu apartamento, ele sai para me abraçar adequadamente para se despedir.

— Para o que vale — ele diz — acho que ele é um idiota por empurrar você para outras pessoas. Mas vampiros são estranhos com sentimentos. Dê um inferno a ele.

— Pretendo fazer isso.

Enquanto sua caminhonete desaparece na esquina, pego meu telefone. Meus dedos pairam sobre o contato de Adrian. São oito da noite — cedo para um vampiro.

A coisa da alcateia não deu certo, digito.

Sua resposta é imediata: *Você está bem?*

Sim. Apenas planos de vida incompatíveis. Acontece que não quero me tornar uma lobisomem ou me juntar a uma comuna de alcateia.

Isso é compreensível. Sinto muito que não tenha dado certo.

Sente mesmo?

Uma pausa mais longa: *Sinto que você esteja desapontada.*

Não foi isso que perguntei.

Sem resposta. Olho fixamente para meu telefone, frustração crescendo. Finalmente, ligo para ele.

Ele atende no primeiro toque. — Melissa.

— Apenas seja honesto pela primeira vez. Você lamenta que não tenha dado certo com Derek?

Silêncio do outro lado. Posso imaginá-lo — provavelmente em seu apartamento impecavelmente organizado, parado rígido, mandíbula cerrada.

— Não — ele finalmente diz, voz baixa. — Não lamento.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

— Diga.

— Melissa...

— Diga, Adrian. Estou cansada de dançar em torno disso. Acabei de terminar as coisas com um lobisomem perfeitamente legal porque não consigo parar de pensar em você. O mínimo que você pode fazer é ser honesto sobre se isso é completamente unilateral.

— Não é unilateral. — As palavras saem ásperas, como se estivessem sendo arrancadas dele contra sua vontade. — Nunca foi unilateral.

Meu coração dispara. — Então por que você me disse para sair com outras pessoas?

— Porque você deveria. Porque eu não sou... — Ele para, exala desnecessariamente. — Não posso dar a você as coisas que precisa. Luz do dia. Envelhecer juntos. Filhos, se você os quiser. Uma vida normal.

— E se eu não quiser normal?

— Você diz isso agora, mas daqui a cinco anos, dez anos, quando eu parecer exatamente o mesmo e você tiver envelhecido...

— Isso é daqui a anos. Por que você está se preocupando com problemas

teóricos em vez de lidar com o que está acontecendo agora?

— Porque vivi tempo suficiente para saber como essas histórias terminam.

— Como?

— Dolorosamente. — Sua voz está tensa. — Humanos envelhecem. Vampiros não. A diferença se torna impossível de ignorar. E então há a questão da transformação, que é ilegal sem a aprovação do conselho e perigosa mesmo com ela. Não vou pedir que você se torne algo que não é. Não vou arriscar sua vida ou humanidade por meus próprios desejos egoístas.

— Desejos egoístas?

— Meu desejo de manter você. De tê-la em minha vida, na minha cama, na minha existência pelo maior tempo possível. Mas isso não é justo com você. Você merece alguém que possa construir um futuro real com você.

Afundo no meu sofá, telefone pressionado na orelha. — E se o futuro que eu quero incluir você?

— Melissa. — Ele parece exausto. — Por favor, não torne isso mais difícil do que já é.

— Não estou tornando nada difícil. Você está. Você é quem decidiu que eu deveria sair com outras pessoas, quem continua me afastando enquanto simultaneamente age com ciúmes...

— Não estou com ciúmes.

— Você está absolutamente com ciúmes. Derek podia perceber do outro lado da sala.

Silêncio. Então, baixinho: — Eu estava tão óbvio?

— Espetacularmente.

— Peço desculpas. Foi inapropriado da minha parte.

— Pare de se desculpar e comece a admitir o que realmente sente.

— Não posso.

— Não pode ou não vai?

— Ambos. Nenhum dos dois. Eu não... — Ele faz um som frustrado. — Esta não é uma conversa que devemos ter por telefone.

— Tudo bem. Onde você está?

— Meu apartamento. Por quê?

— Me envie o endereço. Vamos ter esta conversa cara a cara, agora mesmo, antes que qualquer um de nós possa pensar demais.

— Melissa, é tarde...

— Você não dorme. Me envie o endereço.

Uma pausa, então meu telefone vibra com sua localização. — Estarei esperando.

Desligo, pego minhas chaves e volto para meu carro. Minhas mãos estão

tremendo de adrenalina e frustração. E esperança.

Vinte minutos depois, estou parada em frente a um edifício de apartamentos modernos no centro, enviando mensagem a Adrian de que estou aqui. Ele responde com um número de unidade e código da porta.

Seu apartamento é no último andar — claro que é. Quando bato, a porta se abre imediatamente, como se ele estivesse parado ali mesmo esperando.

— Oi — digo, sem fôlego da viagem de elevador e nervos.

— Olá. — Ele está vestindo calças escuras e uma camisa branca com as mangas dobradas — o mais casual que já o vi. Seu cabelo está levemente despenteado, como se ele estivesse passando as mãos por ele. — Por favor, entre.

O apartamento é exatamente o que eu esperava — elegante, moderno. Janelas do chão ao teto mostram as luzes da cidade. Tudo está em tons de cinza e branco, exceto por uma estante que ocupa uma parede inteira, cheia de livros em vários idiomas.

— Seu lugar é muito... você — digo.

— Isso é um elogio?

— Observação. — Viro-me para encará-lo. — Então. Estamos sendo honestos agora. Sem mais evasões.

Ele fecha os olhos brevemente. — Isso é uma péssima ideia.

— Provavelmente. Vou fazer de qualquer forma. — Dou um passo mais perto. — Diga-me honestamente — você tem sentimentos por mim? Sentimentos reais, não apenas instintos protetores de vampiro ou o que quer que você queira chamar.

— Melissa...

— Sim ou não, Adrian.

Ele me olha com aqueles olhos azul-gelo, e vejo dois séculos de controle se quebrando. — Sim. Deus me ajude, sim. Não consigo parar de pensar em você desde aquele primeiro caótico evento de speed dating. Suas mensagens são o destaque da minha noite. Ver você rir com Derek me fez querer quebrar coisas. O pensamento de você com qualquer outra pessoa me faz... — Ele para, mandíbula cerrada. — Sim. Tenho sentimentos por você. Profundos, inconvenientes, cada vez mais impossíveis de ignorar.

A admissão é pesada e real.

— Então por que você está lutando contra isso? — pergunto suavemente.

— Porque me importar com você me aterroriza. — Sua voz é crua. — Porque sou egoísta o suficiente para querer você, mas não egoísta o suficiente para ignorar as complicações. Porque em duzentos anos, nunca senti isso por ninguém, e é precisamente por isso que deveria ir embora.

— Isso não faz sentido.

— Nada disso faz sentido. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Você deveria ir para casa. Voltar ao speed dating. Encontrar alguém apropriado — alguém humano, ou pelo menos alguém que possa oferecer um futuro normal.

— Pare de me dizer o que eu deveria fazer. — Fecho a distância entre nós. — Estou farta de "deveria". Estou farta de outras pessoas. Estou farta de fingir que não sinto essa coisa entre nós.

— Essa coisa vai acabar mal.

— Talvez. Mas prefiro ter algo real que possa acabar mal do que algo seguro que não me faz sentir nada. — Olho para ele. — Derek me beijou ontem à noite. Quer saber o que senti?

— Por favor, não...

— Nada. Absolutamente nada exceto culpada porque estava pensando em você o tempo todo. — Toco seu peito, sentindo a quietude onde um batimento cardíaco deveria estar. — Não quero segurança. Não quero apropriado. Quero você. Todas as suas complicações e medos e séculos de bagagem. Então pare de me afastar e admita que você quer isso também.

Ele segura minha mão, mantendo-a contra seu peito. — Claro que quero isso. Quero você tanto que está me tornando irracional. Mas querer não é o suficiente...

— É um começo.

— Melissa. — Meu nome é metade prece, metade aviso. — Se fizermos isso — se tentarmos isso — preciso que você entenda no que está se metendo. Não sou fácil. Tenho inimigos, política complicada, uma natureza que requer sangue para sobreviver. Nunca envelhecerei. Nunca poderei dar a você encontros à luz do dia ou experiências normais de casal. Se seguirmos com isso, você estará entrando completamente no meu mundo — toda sua escuridão e perigo.

— Eu sei.

— Sabe? Realmente? — Seu aperto em minha mão aperta. — Porque é uma coisa saber intelectualmente e outra viver isso.

— Então deixe-me viver isso. Deixe-me decidir se vale a pena em vez de decidir por mim.

Ficamos ali, sua mão segurando a minha contra seu peito imóvel, as luzes da cidade refletindo em seus olhos. Dois séculos de controle lutando contra duas semanas de sentir demais.

— Vou te machucar — ele finalmente diz.

— Provavelmente.

— Vou cometer erros.

— Eu também.

— Isso é uma péssima ideia.

— Você continua dizendo isso.

— Porque é verdade. — Mas ele está me puxando para mais perto agora, sua mão livre vindo para segurar meu rosto. — Vamos nos arrepender disso.

— Talvez. — Inclino-me para seu toque, fresco contra minha pele quente. — Ou talvez nos arrependamos de não tentar.

Seu polegar traça minha maçã do rosto. — Você é impossivelmente teimosa.

— Você é impossivelmente difícil.

— Somos um desastre esperando para acontecer.

— Provavelmente. — Levanto-me na ponta dos pés, nos deixando quase no mesmo nível. — Então vamos fazer isso ou não?

Ele me encara por um longo momento, e vejo seu controle finalmente, completamente despedaçar.

— Droga — ele respira, e me beija.

Não é nada como o beijo de Derek. Este é gelo e fogo, desespero e duas semanas de anseio reprimido liberados de uma só vez. Seus lábios são frios contra os meus, suas mãos me segurando como se eu pudesse desaparecer. Faço um som que é metade suspiro, metade alívio, e sinto-o sorrir contra minha boca.

Quando nos separamos, ambos estamos respirando pesadamente — eu por necessidade, ele por emoção.

— Isso foi... — começo.

— Uma péssima ideia — ele termina, mas está sorrindo. Realmente sorrindo, raro e verdadeiro.

— Você realmente precisa de novos adjetivos.

— Talvez. — Ele encosta sua testa na minha. — Mas preciso.

— Então onde isso nos deixa?

— Oficialmente tomando decisões terríveis juntos? — Ele se afasta para me olhar apropriadamente. — Melissa, não posso prometer que isso será fácil. Ou que vai funcionar. Mas posso prometer tentar. Se você estiver disposta a ser absurdamente paciente com um vampiro terrível em questão de sentimentos.

— Acho que posso lidar com isso.

— Bom. — Ele me beija novamente, mais suavemente desta vez. — Embora eu deva mencionar — há outro evento de speed dating na próxima semana.

Afasto-me para encará-lo. — Você não está seriamente sugerindo...

— Não. Absolutamente não. Estou sugerindo que compareçamos juntos. Oficialmente. Para que todos saibam que você está comprometida. — Seus olhos escurecem possessivamente. — Se isso for aceitável para você.

— Muito aceitável. — Sorrio. — Vampiro ciumento é um bom visual em você.

— Não estou com ciúmes.

— Você está absolutamente com ciúmes.

— Talvez ligeiramente territorial.

— Adrian.

— Tudo bem. Extremamente ciumento. Irracionalmente possessivo. Categoricamente oposto a ver você sair com qualquer outra pessoa novamente. — Ele segura meu rosto com as duas mãos. — Satisfeita?

— Chegando lá.

Ele ri, e o som enche seu apartamento perfeito com esperança. — Venha. Vou fazer chá para você — não bebo, mas mantenho suprimentos para convidados — e você pode me contar exatamente como foi terrível a reunião com a alcateia.

— Foi tão ruim — digo, deixando-o me puxar em direção à cozinha. — Sophie me perguntou se eu tinha considerado me tornar uma lobisomem durante a salada de batata.

— Lobisomens não têm noção de timing.

— Foi o que pensei!

Nos acomodamos em seu sofá com chá para mim e nada para ele, e conto tudo — a avaliação de Patricia, a vida comunitária, a conversa sobre longevidade. Ele ouve, ocasionalmente fazendo comentários secos sobre a cultura dos lobisomens.

— Para o que vale — ele diz quando termino — estou feliz que você tenha percebido que a vida em alcateia não era para você.

— Porque você está com ciúmes?

— Porque você teria sido infeliz. Você valoriza sua independência demais para aquele nível de comunidade constante. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Embora eu aprecie o reconhecimento do ciúme.

— Ah, definitivamente vamos falar mais sobre seu ciúme. É um excelente material.

— Tenho certeza que sim.

Meu telefone vibra — uma mensagem de Derek: *Espero que a conversa com o vampiro tenha ido bem. Você merece ser feliz.*

Mostro a Adrian, que parece culpado. — Ele é muito gentil.

— Ele é um cara legal. Só não é meu cara. — Inclino-me contra o ombro de Adrian. — Isso é bom. Por que esperamos tanto?

— Porque eu estava sendo nobre. E idiota.

— Muito idiota.

— Sim, obrigado, estou ciente. — Ele passa um braço ao meu redor. — Sem mais sacrifícios nobres. Sem mais empurrar você para outras pessoas. Se vamos fazer isso, vamos fazer direito.

— Defina direito.

— Honestamente. Juntos. Com comunicação em vez de tentativas equivocadas de protegê-la dos meus sentimentos. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Embora eu reserve o direito de ser irracionalmente ciumento se alguém olhar torto para você.

— Isso parece razoável.

Sentamos em silêncio confortável, observando as luzes da cidade, e pela primeira vez em duas semanas, algo no meu peito se solta.

— Então — digo eventualmente. — Me conte sobre esse evento de speed dating da próxima semana. Vou ter que assistir você conversar com outras pessoas?

— Absolutamente não. Estarei firmemente preso ao seu lado, irradiando energia de 'indisponível'.

— Perfeito.

— Embora — ele acrescenta pensativamente — geralmente haja um aplicativo de namoro sobrenatural que é mencionado nesses eventos. Zela mencionou no último.

Sento-me. — Um aplicativo de namoro sobrenatural?

— Sim. Embora eu nunca tenha usado, obviamente.

— Obviamente. Porque você estava muito ocupado sendo nobre e sozinho.

— Precisamente. — Ele me puxa de volta para junto dele. — Mas isso é passado. Estamos tomando decisões terríveis juntos agora.

Fico até quase meia-noite, conversando e rindo e ocasionalmente nos beijando, compensando o tempo perdido. Quando finalmente vou para casa, é com planos de vê-lo amanhã e um coração feliz.

5

Namorar Adrian é estranho. Estranho bom, mas estranho.

Por um lado, ele aparece no meu apartamento às 9 da noite de terça-feira com uma edição de primeira mão de um livro que achou que eu gostaria e fica até 3 da manhã discutindo os temas. Por outro, nossos encontros são exclusivamente à noite, o que significa que estou desenvolvendo uma agenda noturna que está causando estragos no meu trabalho das 9 às 5.

— Você poderia pedir demissão — ele sugere na quinta-feira à noite enquanto caminhamos por um parque vazio. O ar de outubro está fresco, e estou agasalhada com uma jaqueta enquanto ele parece confortável apenas com um suéter.

— E fazer o quê? Me tornar uma namorada profissional de vampiro?

— Eu estava pensando mais em termos de perseguir seus interesses sem restrições financeiras. Você mencionou que queria escrever.

— Você não pode simplesmente... Adrian, você realmente sugeriu me sustentar financeiramente para que eu possa escrever?

— Isso é inapropriado? — Ele parece genuinamente incerto. — Tenho recursos significativos. Séculos de juros compostos. Parece ilógico você passar quarenta horas por semana fazendo algo que acha apenas tolerável quando eu poderia...

— Estamos juntos há quatro dias.

— Tecnicamente seis, se contarmos as duas semanas de negação.

— Não estamos contando essas. E não, você não pode financiar meus sonhos criativos depois de quatro dias de namoro oficial.

— Qual é o prazo aceitável? Seis meses? Um ano?

— Vamos deixar essa conversa para quando tivermos pelo menos chegado à marca de um mês.

Ele acena seriamente, como se estivesse arquivando isso para referência futura. — Anotado. Mínimo de um mês para discussões financeiras que alteram a vida.

Esta é minha vida agora. Namorando um vampiro que quer resolver todos os meus problemas com dinheiro porque ele teve dois séculos para acumular riqueza e não entende os prazos de relacionamento modernos.

— Há um evento de speed dating amanhã — ele me lembra enquanto voltamos em direção ao meu apartamento. — Pensei que poderíamos comparecer juntos. Tornar nosso relacionamento de conhecimento público, por assim dizer.

— Isso não seria estranho? Comparecer a um evento de namoro enquanto já estamos namorando?

— Esses eventos servem a múltiplos propósitos — socialização, networking, construção de comunidade. Muitos casais estabelecidos comparecem. — Ele me olha de relance. — A menos que você prefira manter isso privado por enquanto?

— Não, quero ir. Quero que todos saibam que você está fora do mercado.

— Possessiva — ele diz, parecendo satisfeito.

— Diz o vampiro que literalmente rosnou quando meu barista sorriu para mim.

— Ele estava flertando.

— Ele estava sendo amigável.

— A distinção não estava clara.

Eu rio e pego sua mão, ainda admirada que tenho permissão para fazer isso. Seus dedos são frescos, entrelaçados com os meus.

A noite de sexta-feira nos encontra em outro evento de speed dating, mas desta vez tudo é diferente. Chegamos juntos, a mão de Adrian na parte inferior das minhas costas, e a sala inteira percebe. Conversas pausam no meio da frase. O queixo de Petra realmente cai.

— Não acredito — ela diz, se aproximando de nós com olhos arregalados. — Vocês dois? De verdade?

— De verdade — confirmo.

— Mas você estava saindo com Derek tipo há três dias!

— Não deu certo. Incompatibilidade de alcateia.

A mão de Adrian aperta nas minhas costas. Petra olha entre nós, então sorri.

— Meu Deus. É por isso que você estava tão estranho sobre ela sair com Derek. E por que você parecia querer assassinar todo mundo no último evento.

— Ela dá um soco no ombro de Adrian — ele nem mesmo se mexe. — Você poderia simplesmente ter convidado ela para sair como uma pessoa normal em vez de todo esse sofrimento nobre absurdo.

— Estou ciente disso agora — ele diz secamente.

— Bem, parabéns. Vocês dois são fofos. Estranhos, mas fofos. — Ela sai saltitante para espalhar a fofoca, porque lobisomens aparentemente são incapazes de manter informações para si mesmos.

Dentro de dez minutos, todos sabem. Recebemos reações que vão desde apoio entusiástico a preocupação cética até uma bruxa que nos diz diretamente que estamos condenados porque "relacionamentos vampiro-humano sempre terminam em tragédia ou transformação, e ambas as opções são péssimas".

— Ela parece agradável — murmuro.

— Cassandra é pessimista sobre romance em geral. Ela se divorciou três vezes.

— Faz sentido.

O organizador do evento — um demônio simpático chamado Marcus — está arrumando as mesas quando um recém-chegado entra. Ele é bonito daquela maneira distintamente fae — feições afiadas, cabelo prateado, olhos que são apenas um pouco grandes e coloridos demais para ser humano. Ele se move com graça predatória, e quando seu olhar pousa em mim, ele sorri.

Sinto Adrian ficando tenso ao meu lado.

O fae se aproxima diretamente, ignorando todos os outros na sala. — Você deve ser a humana que todos estão discutindo. Melissa, certo?

— Sim. E você é?

— Silas. — Ele estende uma mão. Quando a aperto, sua pele é fresca e suave, quase metálica. — Ouvi que havia uma humana comparecendo a esses eventos. Estou fascinado pelo seu tipo. Tão sinceros, tão deliciosamente mortais.

— Essa é uma maneira de colocar.

Seu sorriso se alarga, mostrando dentes que são um pouco afiados demais. — E você está namorando o vampiro. Muito Romeu e Julieta. Adoro romances condenados.

— Não estamos condenados — digo firmemente.

— Claro que não. — Seu tom sugere que ele acha que absolutamente estamos. — Ainda assim, eu adoraria te levar para um café qualquer dia. Comparar anotações sobre namoro sobrenatural de uma perspectiva humana. Interesse puramente acadêmico, você entende.

Antes que eu possa responder, Adrian fala. — Ela não está disponível para encontros para café.

— Nem mesmo café amigável, platônico, completamente inócuo? — Silas

sorri para ele. — Vamos lá, Graves. Certamente você não está ameaçado por uma simples conversa.

— Não estou ameaçado. Apenas recusando em nome dela.

— Na verdade — digo, encontrando minha voz — posso recusar por mim mesma. E agradeço a oferta, Silas, mas não estou realmente procurando novos amigos agora.

— Uma pena. — Ele não parece particularmente incomodado. — A oferta continua de pé, caso você mude de ideia. Os fae são excelentes em proporcionar perspectiva sobre relacionamentos impossíveis. Nós mesmos temos tanta experiência com eles.

Ele se afasta, e a mandíbula de Adrian está tão apertada que me preocupo com seus dentes.

— Isso foi... — começo.

— Deliberadamente provocativo. Os fae gostam de causar disrupção. — Ele respira fundo. — Peço desculpas por falar por você. Foi inapropriado.

— Um pouco, sim. Mas aprecio o instinto protetor.

— Vai exigir esforço consciente para não interceptar cada interação que você tenha com outros seres sobrenaturais.

— Eu sei. Vamos trabalhar nisso.

Marcus chama a atenção de todos, explicando o formato de hoje à noite — é menos estruturado que o speed dating tradicional, mais um mixer. As pessoas circulam livremente, e aqueles interessados em encontros formais podem trocar informações. Como Adrian e eu estamos aqui juntos, somos livres para socializar ou observar.

Acabamos em uma mesa com Petra e sua namorada Anya, uma bruxa que me faz rir com seu comentário seco sobre a cultura de namoro sobrenatural.

— O número de vampiros com complexo de herói é realmente impressionante — ela diz, lançando um olhar direto para Adrian. — Todos eles querem salvar humanos de algo — geralmente de si mesmos.

— Não tenho um complexo de herói — Adrian protesta.

— Você literalmente tentou fazer sua namorada sair com outras espécies para que ela pudesse 'fazer uma escolha informada' em vez de simplesmente convidá-la para sair como uma pessoa normal.

— Isso é justo.

— E agora você está sentado aqui irradiando energia de 'nem olhe para ela' enquanto ela é perfeitamente capaz de lidar com atenção indesejada sozinha.

— Também justo.

— Viu? Complexo de herói. Você vai superar isso. Leva cerca de uma década, geralmente.

Eu gosto imensamente de Anya.

Do outro lado da sala, vejo Silas conversando com uma mulher humana de aparência nervosa. Ele me pega observando e levanta seu copo em saudação, seu sorriso conhecedor. Há algo nele que parece um teste.

— Ele vai ser um problema? — pergunto a Adrian baixinho.

— Fae são sempre problemas. É a natureza deles. — Ele segue meu olhar. — Mas Silas em particular gosta de jogos. Ele viu uma oportunidade de me provocar e a aproveitou.

— Porque estamos namorando?

— Porque ele encontra entretenimento em complicações. Sua presença nesses eventos tem sido... — Ele procura a palavra. — Disruptiva. De maneiras fascinantes, aparentemente.

— Devo me sentir lisonjeada ou preocupada?

— Ambos, provavelmente.

Mais tarde, Silas se aproxima da nossa mesa, puxando uma cadeira sem convite. — Se importam se eu me juntar a vocês? As outras conversas estão mortalmente entediantes.

Petra e Anya trocam olhares. A expressão de Adrian poderia congelar fogo.

— Na verdade... — ele começa.

— Claro — interrompo, ganhando um olhar agudo de Adrian. — Por que não?

Silas se senta, imediatamente focando em mim. — Então, Melissa. Diga-me — como é ser a única humana em uma sala cheia de predadores?

— Depende da noite. Às vezes aterrorizante, às vezes tranquilo, ocasionalmente divertido.

— E namorar um desses predadores? Como está funcionando?

— Estamos juntos há menos de uma semana, então me pergunte novamente em alguns meses.

— Otimista. Gosto disso. — Ele se vira para Adrian. — Ela é bem corajosa para uma humana. Como você está lidando com a questão da fragilidade? A consciência constante de que ela poderia morrer de uma dúzia de maneiras diferentes a qualquer momento?

— Com ansiedade significativa e pensamentos intrusivos, obrigado por perguntar — Adrian diz categoricamente.

Silas ri. — Honesto. Também incomum para o seu tipo. A maioria dos vampiros finge que não está constantemente calculando as chances de sobrevivência para seus parceiros humanos.

— Não sou como a maioria dos vampiros.

— Claramente. — Silas se inclina para trás, estudando nós dois. — Você está realmente apaixonado por ela. Isso não é apenas fascínio ou novidade. Isso é...

inesperado.

— Por que inesperado? — pergunto.

— Porque vampiros normalmente namoram dentro de sua própria espécie ou não namoram de todo. Sentimentos são complicados para imortais. A matemática não funciona — você vai envelhecer, ele não, eventualmente a diferença se torna impossível de ignorar. A maioria dos vampiros evita essa dor de coração específica. — Ele inclina a cabeça. — Então, ou vocês dois são delirantes, ou decidiram que a natureza temporária vale a dor inevitável. Qual é?

— Ambos — Adrian e eu dizemos simultaneamente.

Silas sorri. — Agora isso é interessante. A maioria das pessoas não admite a parte do delírio. — Ele se levanta suavemente. — Eu gosto de vocês dois. Vocês vão quebrar e queimar espetacularmente, mas serão divertidos enquanto isso. Quando inevitavelmente precisarem de conselhos sobre como navegar relacionamentos impossíveis, me procurem. Os fae fazem isso há milênios.

Ele se afasta, deixando silêncio na mesa.

— Isso foi... — Petra começa.

— Fae — Anya termina. — Eles são todos assim. Partes iguais de úteis e irritantes.

— Ele tem razão, no entanto — digo baixinho. — Sobre a matemática não funcionar.

Adrian pega minha mão. — Estou ciente. Vamos dar um jeito.

— Como?

— Um dia de cada vez. Juntos. Como combinamos.

Não é uma resposta real, mas é o que temos.

O resto da noite é mais leve. Conversamos com vários casais — alguns interespécies, outros não. Um casal vampiro-bruxa que está junto há trinta anos oferece conselhos sobre como navegar diferentes expectativas de vida. Um casal demônio-humano fala sobre os desafios de diferentes expectativas culturais. Todos têm suas próprias complicações, suas próprias soluções.

— Viu? — digo a Adrian enquanto saímos. — Não somos os únicos descobrindo como fazer isso funcionar.

— Não, somos apenas os que estão descobrindo com Silas fornecendo comentários.

— Ele não é tão ruim.

— Ele é fae. "Não tão ruim" é como eles te pegam.

Caminhamos até o carro dele, e noto que ele está mais relaxado agora — mão na minha, ombros soltos. Reivindicação pública alcançada, aparentemente.

— Obrigado por vir esta noite — ele diz enquanto dirigimos. — Sei que esses eventos podem ser avassaladores.

— É realmente agradável. Ver outros relacionamentos sobrenaturais, não sentir como se estivéssemos completamente sozinhos nisso.

— Não estamos sozinhos. Embora provavelmente estejamos condenados, de acordo com várias pessoas esta noite.

— Silas, Cassandra, e aquele vampiro que olhou para mim como se eu fosse uma tragédia esperando para acontecer.

— Marcus, sim. Ele perdeu uma parceira humana há cinquenta anos. Faz com que ele seja cético sobre relacionamentos interespécies.

— Reconfortante.

— Não disse que as preocupações dele não eram válidas. Apenas que estou escolhendo tentar mesmo assim. — Ele me olha de relance. — Você está tendo segundos pensamentos?

— Não. E você?

— Constantemente. Mas não sobre querer estar com você. Apenas sobre minha capacidade de mantê-la segura e feliz a longo prazo.

— Isso é muito vampiresco da sua parte.

— Eu sou um vampiro.

— Estou ciente.

Ele para no meu apartamento e me acompanha até minha porta — a primeira vez que ele faz isso desde que começamos a namorar oficialmente. Na minha porta, ele me puxa para perto, me beijando suavemente.

— Boa noite — ele murmura contra meus lábios.

6

O Moonlit Bean se tornou nosso ponto de encontro não oficial. Adrian afirma que é porque a barista bruxa faz um excelente café, mas suspeito que seja porque Stella acha nosso relacionamento hilário e fornece comentários contínuos.

— Vocês dois chegaram à segunda semana — ela diz, colocando meu latte com um sorriso conhecedor. — É quando as verdadeiras incompatibilidades começam a aparecer.

— Encorajador — murmuro.

— Ainda não incompatíveis — diz Adrian, bebericando seu americano desnecessário. — Embora Melissa tenha descoberto que organizo meus livros alfabeticamente pelo primeiro nome do autor.

— O que é psicótico — acrescento. — Todo mundo sabe que deveria ser pelo sobrenome.

— Não me diga que vocês estão terminando por causa de sistemas de arquivamento — diz Stella.

— Não estamos terminando. Estamos tendo uma discordância filosófica.

— É isso que todos dizem antes de evoluir para uma discussão completa. — Ela pisca e nos deixa.

A verdade é que a segunda semana tem sido reveladora. Aprendi que Adrian mantém seu apartamento exatamente a vinte graus Celsius, não suporta o som de pessoas mastigando e lê três livros simultaneamente. Ele descobriu que eu estou cronicamente atrasada, deixo canecas de chá por todo lado e falo sozinha quando estou trabalhando em problemas.

— Sabe — digo, observando-o endireitar os pacotes de açúcar — somos meio

que opostos.

— Eu tinha notado.

— Isso não te preocupa?

Ele considera. — Deveria?

— Eu sou caos. Você é controle. Sou impulsiva; você é calculista. Falo constantemente; você rumina em silêncio.

— Isso está indo para algum lugar?

— Só estou me perguntando se somos compatíveis.

Ele estende a mão pela mesa, pegando a minha. — Melissa. Vivi por dois séculos cercado por pessoas exatamente como eu — controladas, calculistas, existindo silenciosamente. Você me faz sentir vivo de uma maneira que não sinto há décadas. Então não, nossas diferenças não me preocupam. Elas são justamente o ponto.

Estou tentando formular uma resposta quando meu telefone vibra. É uma mensagem de um número desconhecido: *Este é Silas. Tenho informações sobre seu vampiro que você pode achar interessantes. Café?*

Mostro para Adrian, cuja expressão imediatamente escurece. — Como ele conseguiu seu número?

— Não faço ideia. Devo me preocupar?

— Com os fae? Sempre. — Ele lê a mensagem novamente. — Embora eu esteja curioso para saber que informações ele acha que tem.

— É uma armadilha?

— Provavelmente. Os fae não fazem nada sem significados em camadas e motivos ulteriores.

— Então ignoramos?

— Ou nós entramos na armadilha conscientemente. — Ele encontra meus olhos. — Sua escolha. Apoiarei qualquer decisão que tomar.

Aprecio que ele esteja me deixando tomar a decisão em vez de entrar em modo protetor. — Vamos encontrá-lo. Estou curiosa.

Vinte minutos depois, estamos em outro café — este distintamente de propriedade fae, com flores crescendo através do piso e luz que parece vir de todo lugar e lugar nenhum. Silas já está lá, descansando em um reservado de canto como se fosse o dono do lugar. O que ele pode ser.

— Melissa! Adrian! Tão feliz que decidiram vir. — Ele gesticula para os assentos à sua frente. — Tomei a liberdade de pedir chá. Não está envenenado, prometo.

— Fae não podem mentir — diz Adrian enquanto nos sentamos — mas podem enganar. 'Não envenenado' não significa 'seguro para beber'.

— Olha só você, educando sua humana. Que responsável. — Silas empurra

uma xícara delicada em minha direção. — É perfeitamente seguro. Apenas chá. Não ganho nada em machucá-la — muito pelo contrário. Você é muito mais interessante viva.

— Reconfortante — digo, mas tomo um gole. É excelente — floral e doce.

— Então — Silas se inclina para frente — quanto Adrian te contou sobre política vampírica?

Olho para Adrian, que ficou muito imóvel. — Não muito. Por quê?

— Porque relacionamentos de vampiros com humanos requerem aprovação do conselho. Você sabia disso?

Meu estômago despenca. — O quê?

— Tecnicamente está nos livros. Uma lei dos anos 1800, raramente aplicada hoje em dia, mas tecnicamente ainda ativa. Vampiros que buscam relacionamentos sérios com humanos devem se registrar no conselho e receber aprovação antes que o relacionamento se torne... oficial.

Viro-me para Adrian. — Isso é verdade?

Sua mandíbula está tensa. — É uma lei arcaica. A maioria dos vampiros a ignora.

— Mas ela existe.

— Sim.

— E você não mencionou porque...

— Porque não é ativamente aplicada, e eu não queria preocupá-la com burocracia sobrenatural que provavelmente não importará.

Silas observa essa troca com interesse indisfarçado. — Oh, pode importar. Veja, a notícia sobre vocês dois está se espalhando. Um vampiro namorando abertamente uma humana, comparecendo a eventos comunitários juntos. O conselho é antiquado. Eles podem decidir fazer um exemplo.

— Por que você está nos contando isso? — a voz de Adrian é fria. — O que você ganha?

— Gosto de vocês dois. E gosto de caos, mas não do tipo que termina em tragédia. — Silas dá de ombros. — Considere um aviso amigável. Se vocês estão levando este relacionamento a sério, talvez queiram se antecipar à investigação do conselho antes que eles venham até vocês.

— E se não fizermos isso? — pergunto.

— Eles poderiam ordenar separação. Ou exigir que ela seja transformada. Ou simplesmente tornar sua vida administrativamente difícil até que desistam. — Ele toma um gole de seu próprio chá. — Burocracia frequentemente é mais eficaz que força.

Adrian se levanta abruptamente. — Obrigado pela informação. Vamos levá-la em consideração.

— Sempre um prazer, Graves. — Silas se vira para mim. — Melissa, se algum dia quiser aprender sobre contratos fae — muito úteis para lidar com conselhos vampíricos — me avise.

Lá fora, Adrian está vibrando de tensão.

— Então — digo cuidadosamente — conselho vampírico?

— É complicado.

— Estou me acostumando com complicado. Explique para mim.

Ele passa a mão pelo cabelo, bagunçando seu estilo normalmente perfeito. — O conselho supervisiona a sociedade vampírica — faz leis, resolve disputas, aplica regras. Eles são... tradicionais. Velhos. Alguns membros têm mais de quinhentos anos. Eles veem humanos como comida ou novidade, raramente como iguais.

— E eles têm regras sobre com quem você pode namorar.

— Tecnicamente. A lei foi feita durante um período em que vampiros estavam transformando humanos imprudentemente, criando problemas. O conselho instituiu processos de aprovação para evitar isso. — Ele começa a andar. — Mas caiu em desuso. A maioria dos vampiros simplesmente não namora humanos seriamente mais. É mais fácil.

— Mas nós estamos. Namorando seriamente.

— Sim.

— Então eles poderiam realmente ordenar que terminássemos?

— Em teoria. Na prática, seria necessário que eles se importassem o suficiente para intervir, o que normalmente não acontece a menos que...

— A menos que vocês estejam abertamente comparecendo a eventos sobrenaturais juntos, tornando isso conhecimento público, basicamente anunciando o relacionamento. — Termino seu pensamento. — Pintamos um alvo em nós mesmos.

— Sim. — Ele para de andar, voltando-se para mim. — Sinto muito. Eu deveria ter te contado sobre essa possibilidade antes de tornarmos as coisas públicas.

— Isso teria mudado algo?

— Não. Mas você merecia saber.

Penso sobre os conselhos e leis e a realidade de que namorar Adrian vem com política sobrenatural literal. — Ok. Então o que fazemos?

— Temos opções. Poderíamos manter as coisas mais quietas, menos públicas. Poderíamos nos registrar preventivamente no conselho e solicitar aprovação. Poderíamos ignorar isso e esperar que eles não se importem. — Ele observa meu rosto. — Ou poderíamos terminar agora, antes que se torne uma questão legal.

— Essa não é uma opção.

Alívio relampeja em seus olhos. — Então precisamos decidir como lidar com isso.

Caminhamos pela cidade enquanto o sol se põe, debatendo estratégias. Adrian explica a estrutura do conselho — doze vampiros, cada um representando diferentes regiões e linhagens. Sua própria criadora está no conselho, o que ele menciona relutantemente.

— Sua criadora?

— Victoria. Ela me transformou em 1825. Não somos próximos, mas somos cordiais. Ela pode defender nossa causa, ou pode usar isso como alavanca para outra coisa. Política vampírica raramente é direta.

— Tudo sobre isso é tão complicado.

— Sim. Sinto muito.

— Pare de se desculpar. — Aperto sua mão. — Eu sabia que namorar você seria complicado. Só não percebi que envolveria burocracia.

— O pior tipo de perigo — papelada.

Eu rio apesar de tudo. — Então qual é nossa jogada? Registrar proativamente?

— Essa seria a abordagem cautelosa. Solicitar uma audiência, apresentar nosso caso, esperar que eles aprovem.

— E se não aprovarem?

— Então estamos violando uma lei do conselho, o que tem consequências.

— Que tipo de consequências?

Ele fica quieto por um longo momento. — Para mim, censura social, potenciais restrições de movimento e atividades. Para você... — Ele para de andar. — Eles não podem prejudicá-la diretamente — isso violaria outras leis. Mas poderiam tornar difícil para você existir em espaços sobrenaturais. Bani-la de eventos, marcá-la em bancos de dados sobrenaturais, essencialmente exilá-la da comunidade.

— Isso é...

— Sim.

Ficamos em silêncio em uma esquina enquanto humanos passam apressados por nós, completamente inconscientes da política sobrenatural sendo discutida a um metro de distância.

— Não quero ser exilada — digo baixinho. — Mal comecei a fazer parte dessa comunidade. Gosto disso. Os eventos, as pessoas, sentir que há mais no mundo do que eu pensava.

— Eu sei.

— Mas também não quero parar de namorar você.

— Também sei disso.

— Então nos registramos. Tornamos oficial. Fazemos isso da maneira

adequada.

Ele me puxa para perto, ali mesmo na rua movimentada. — Tem certeza?

— Não. Mas vou fazer mesmo assim.

— Isso está se tornando um tema para nós.

— Parece apropriado.

Voltamos para seu apartamento para redigir a solicitação formal. Aparentemente, a comunicação com o conselho vampírico requer cartas realmente escritas — a tecnologia não penetrou totalmente na burocracia sobrenatural. Adrian pega papel pesado e uma caneta-tinteiro de verdade.

— Você está brincando — digo.

— Eles são muito tradicionais.

— Isso é como se candidatar a Hogwarts.

— Menos fantasioso, mais consequências potencialmente alteradoras de vida, mas sim.

Ele escreve em elegante caligrafia — linguagem formal solicitando uma audiência para registrar nosso relacionamento e buscar aprovação sob o estatuto 47-B, seção 3. Soa absurdamente oficial. Quando termina, ele a sela com cera real e seu anel de sinete.

— Enviarei isso amanhã pelos canais oficiais — ele diz. — Devemos receber resposta dentro de uma semana.

— E então?

— Então comparecemos perante o conselho, explicamos nosso relacionamento e esperamos que eles estejam se sentindo progressistas.

— Quais são nossas chances?

— Honestamente? Não sei. Isso não é feito há décadas. Estamos estabelecendo precedente.

— Perfeito. Adoro estabelecer precedente diante de burocratas vampiros antigos.

Ele ri e me puxa para seu sofá. — Pelo que vale, acho que temos um caso razoável. Somos ambos adultos, você está ciente do que está entrando, não tenho planos de transformá-la sem consentimento e aprovação separada do conselho. Estamos seguindo os canais adequados. Deveria ser suficiente.

— Deveria ser.

— Deveria ser.

Sentamos em silêncio por um tempo, o peso do que estamos fazendo se assentando sobre nós.

— Silas foi útil — finalmente digo. — Isso é suspeito.

— Extremamente. Fae não ajudam sem esperar algo em troca.

— Deveríamos estar preocupados?

— Sempre se preocupe com fae. Mas neste caso, acho que ele genuinamente nos acha divertidos. E provavelmente quer ver como isso vai se desenrolar. Aparentemente somos fascinantes.

— Estamos condenados e somos fascinantes. Nosso relacionamento tem muitas qualidades excitantes.

— Não se esqueça de impossivelmente complicado e burocraticamente desafiador.

— Certo. Esses também.

Meu telefone vibra — uma mensagem de Silas: *Boa sorte com o conselho. Dica profissional: vampiros respeitam franqueza e odeiam demonstrações emocionais. Seja honesta, mas não melosa. Além disso, Victoria ama você. Use isso.*

Mostro para Adrian. — Como ele sabe que estamos nos registrando? Decidimos isso há trinta minutos.

— Ele é fae. Eles sabem coisas. É profundamente irritante.

Respondo: *Como você sabe que Victoria o ama?*

Silas: *Ela o menciona constantemente nas reuniões do conselho. Orgulhosa dele, preocupada com ele, deseja que ele namore alguém apropriado. Ela vai odiar que seja uma humana, mas vai apoiá-lo mesmo assim. Amor de mãe e tudo mais.*

— Aparentemente sua criadora fala de você nas reuniões — digo a Adrian.

Ele parece desconfortável. — Victoria pode ser... maternal. Acho isso desconcertante.

— Ela está orgulhosa de você.

— Ela me transformou em vampiro sem perguntar primeiro. Meus sentimentos sobre ela são complicados.

— Justo. Mas podemos usar o apoio dela.

— Provavelmente. Embora aceitar ajuda de Victoria sempre venha com condições.

— Tudo neste mundo vem com condições.

— Verdade.

Passamos o resto da noite nos preparando — Adrian me instruindo sobre etiqueta do conselho, explicando hierarquias sociais vampíricas, me ensinando formas adequadas de tratamento. É como estudar para o exame mais estranho do mundo.

— Não faça contato visual direto com ninguém com mais de trezentos anos a menos que eles falem com você primeiro — ele diz. — É considerado agressivo.

— Como sei quão velhos eles são?

— Você não sabe. Apenas evite contato visual prolongado com todos para

ficar segura.

— Isso é insano.

— Bem-vinda à política vampírica.

Por volta da meia-noite, minha cabeça está girando com regras e protocolos. Adrian me manda para casa com uma pilha de material de leitura sobre a sociedade vampírica e uma promessa de me enviar mensagem quando o conselho responder.

— Tente não se preocupar — ele diz na minha porta.

— Eu definitivamente vou me preocupar.

— Sim, provavelmente. — Ele me beija suavemente. — Mas preocupe-se comigo. Estamos nisso juntos.

Os próximos cinco dias são de espera tensa. Adrian envia a carta. Continuamos nossa rotina normal — jantares, caminhadas noturnas, ele aparecendo no meu apartamento. Mas há uma corrente subjacente de ansiedade agora, a consciência de que nosso relacionamento está literalmente sob revisão por autoridades sobrenaturais.

No sexto dia, Adrian manda mensagem: *Resposta chegou. Audiência marcada para amanhã à noite. Sete horas. Traje formal exigido.*

Formal como em...?

Como em vista-se bem. Eles apreciam apresentação.

Ótimo. Vou desenterrar o único vestido elegante que possuo que não tem manchas de café.

Você estará perfeita. Passo para te buscar às 6:30.

Passo o dia seguinte em espiral, mandando mensagem para Sarah que tenho uma "reunião importante" e não posso elaborar. Ela envia memes encorajadores e diz que eu consigo. Se ela soubesse que estou me preparando para defender meu relacionamento para um conselho de vampiros antigos.

Adrian chega às 6:30 exatamente, vestindo um terno completo que o faz parecer que saiu de um drama de época. Optei por um vestido preto simples e o único salto que possuo em que consigo andar.

— Você está linda — ele diz.

— Você parece aterrorizado.

— Estou aterrorizado. Mas você realmente está linda.

O conselho se reúne em um prédio pelo qual passei centenas de vezes — uma antiga biblioteca no centro que eu achava que estava abandonada. Aparentemente, é a sede do conselho vampírico, escondida à vista de todos.

Dentro, é tudo madeira escura com velas fornecendo luz. Somos levados a uma câmara que parece um tribunal, com doze cadeiras dispostas em semicírculo de frente para duas cadeiras menores para nós.

— Isso é dramático — sussurro.

— Eles gostam de drama.

Os membros do conselho entram em fila, cada um mais imponente que o anterior. Todos são bonitos daquela maneira vampírica sem idade, mas há algo antigo em seus olhos. Estes são seres que viveram por séculos, viram impérios ascenderem e caírem. Eu sou uma humana de vinte e poucos anos que ainda tem a identidade verificada em bares.

Uma mulher quebra a formação para se aproximar de Adrian. Ela é impressionante — cabelos escuros, pele de porcelana, vestindo um vestido que provavelmente custa mais que meu carro.

— Adrian — ela diz calorosamente, puxando-o para um abraço. — Faz muito tempo.

— Victoria. — Ele retorna o abraço rigidamente. — Obrigado por comparecer.

— Como se eu fosse perder isso. — Ela se vira para mim, e sua expressão muda para avaliação. — Então você é a humana.

— Melissa — digo, estendendo minha mão.

Ela a pega, seu aperto fresco e firme. — Victoria. Criadora de Adrian, embora ele tente esquecer esse fato regularmente. — Seu sorriso é afiado. — Vamos ver se você vale toda essa confusão.

Ela toma seu assento entre os outros membros do conselho, e Adrian e eu nos sentamos nas cadeiras designadas de frente para eles. Um vampiro mais velho — ele parece ter cerca de cinquenta anos, mas seus olhos sugerem que é antigo — se levanta.

— Este conselho é convocado para revisar a petição de Adrian Graves, vampiro, que busca aprovação para seguir um relacionamento com Melissa, humana, sob o estatuto 47-B, seção 3. — Sua voz carrega autoridade. — Adrian, por favor, apresente seu caso.

Adrian se levanta. Observo-o mudar para o modo formal — coluna ereta, voz medida e clara.

— Honoráveis membros do conselho. Venho perante vocês para solicitar aprovação para meu relacionamento com Melissa. Nos conhecemos há três semanas em um evento comunitário de speed dating. Nesse tempo, passei a me importar profundamente com ela. Ela está ciente da minha natureza, das complicações inerentes aos relacionamentos humano-vampiro e do mundo sobrenatural em geral. Ela entra nisso consciente e voluntariamente. Não tenho planos de transformá-la sem aprovação separada do conselho e seu consentimento expresso. Simplesmente peço a bênção do conselho para seguir este relacionamento abertamente dentro da nossa comunidade.

Ele se senta. Os membros do conselho conversam baixinho.

Então uma vampira mais velha fala. — E o que faz você pensar que este relacionamento é sustentável? Humanos envelhecem. Você não. Em vinte anos, a diferença será significativa. Em cinquenta anos, ela será idosa enquanto você permanece inalterado. Você considerou isso?

— Sim — diz Adrian. — Estamos cientes dos desafios.

— Está mesmo? — Ela olha diretamente para mim. — Jovem. Você entende o que está concordando? Assistir seu parceiro nunca mudar enquanto você envelhece? As inevitáveis questões sobre se transformar? O isolamento da sociedade humana que frequentemente acompanha relacionamentos sobrenaturais sérios?

Levanto-me, lembrando das instruções de Adrian. Seja direta. Seja honesta. Não seja melosa.

— Entendo as complicações — digo, mantendo minha voz firme. — Não vou fingir que tenho todas as respostas. Estamos descobrindo à medida que avançamos. Mas prefiro enfrentar esses desafios com ele do que evitá-los me afastando. Ele me faz feliz. Eu o faço feliz. Isso parece valer a pena para navegar pelas partes difíceis.

Um vampiro masculino se inclina para frente. — E se negarmos esta petição? Se ordenarmos que terminem este relacionamento?

— Então teríamos que decidir se cumprimos ou violamos a lei do conselho — digo honestamente. — Eu preferiria não estar nessa posição.

— Pelo menos ela é honesta — ele murmura.

Victoria se manifesta. — Conheço Adrian há dois séculos. Nunca o vi perseguir alguém seriamente. O fato de que ele está aqui, seguindo os canais adequados, solicitando aprovação — isso significa algo. Ele não está sendo imprudente. Ele está tentando fazer isso corretamente.

— Ele está perseguindo uma humana — diz outro membro do conselho. — Isso é inerentemente imprudente.

— Metade de vocês tem ancestrais humanos — Victoria rebate. — Não vamos fingir que somos uma espécie separada. Somos humanos com uma condição.

— Essa é uma posição controversa, Victoria.

— É uma posição precisa.

O debate continua, argumentos ricocheteando entre os membros do conselho. Adrian e eu nos sentamos em silêncio, assistindo nosso destino sendo discutido como se nem estivéssemos lá.

Finalmente, o membro principal do conselho levanta a mão pedindo silêncio.

— Vamos deliberar — ele anuncia. — Adrian, Melissa — por favor, aguardem lá fora. Chamaremos vocês de volta quando tivermos chegado a uma decisão.

Somos escoltados para uma sala de espera ainda mais dramática — arquitetura

gótica e silêncio opressivo. Sento-me em um sofá de veludo que provavelmente custa mais que meu salário anual.

— Isso foi... — começo.

— Mais ou menos o esperado — Adrian termina. Ele está andando de um lado para o outro. — O apoio de Victoria ajuda. Mas há linha-dura no conselho que se opõem a qualquer relacionamento humano por princípio.

— O que acontece se eles disserem não?

— Temos opções. Apelar da decisão. Solicitar mediação. Ou... — Ele para de andar. — Ou aceitamos a decisão e terminamos.

— É isso que você quer?

— Claro que não. Mas não vou pedir que você se torne uma fugitiva da lei sobrenatural só para namorar comigo.

— E se eu quiser?

— Melissa...

— Estou falando sério. Se eles disserem não, e nossas opções forem terminar ou violar a lei do conselho, qual você quer?

Ele se senta ao meu lado, pegando minhas mãos. — Quero que você esteja segura. Feliz. Não emaranhada em política vampírica e questões legais porque você se apaixonou pela pessoa errada.

— Você não é a pessoa errada.

— O conselho pode discordar.

Sentamos em silêncio tenso por vinte minutos antes da porta se abrir. O mesmo vampiro que nos escoltou para fora gesticula para voltarmos.

De volta à câmara, os membros do conselho se reorganizaram ligeiramente. O vampiro principal se levanta.

— Chegamos a uma decisão.

Meu coração dispara. Ao meu lado, Adrian está perfeitamente imóvel.

— Após deliberação, este conselho concede aprovação provisória para seu relacionamento, sujeito às seguintes condições.

Alívio me inunda, mas a palavra "provisória" me faz pausar.

— Primeiro, esta aprovação é válida por um ano, momento em que vocês devem reaparecer perante o conselho para reavaliação. Segundo, Adrian Graves, você é pessoalmente responsável pela segurança de Melissa dentro de espaços sobrenaturais. Qualquer dano que aconteça a ela reflete em você. Terceiro, qualquer decisão sobre transformação deve ser trazida perante este conselho com aviso prévio significativo. Sem transformações de emergência, sem conversões de momento. Quarto, ambos participarão de verificações trimestrais com um representante do conselho para garantir que o relacionamento permaneça saudável e consensual.

Ele olha diretamente para nós. — Essas condições são inegociáveis. Vocês as aceitam?

— Sim — diz Adrian imediatamente.

— Aceito — acrescento.

— Então este assunto está concluído. Parabéns. Tentem não nos fazer arrepender disso.

Somos dispensados, e de repente estamos do lado de fora, parados na rua em trajes formais, legalmente aprovados para namorar.

— Conseguimos — digo, ligeiramente atordoada.

— Provisoriamente. Com condições. E verificações trimestrais.

— Mas ainda assim — conseguimos.

Ele me puxa para um beijo ali mesmo na calçada, e pela primeira vez não se importa com quem vê.

— Obrigado — ele murmura contra meus lábios. — Por passar por tudo isso. Por estar disposta a enfrentar o conselho só para estar comigo.

— Valeu a pena.

— Valeu? Verificações trimestrais parecem tediosas.

— Extremamente tediosas. Mas vale a pena.

Caminhamos até seu carro, e noto Victoria esperando na entrada do edifício. Ela se aproxima de nós.

— Parabéns — ela diz. — Vocês dois se saíram bem lá dentro.

— Obrigado por defender nossa causa — diz Adrian.

— Bem, eu não poderia deixar você sabotar seu primeiro relacionamento real por tropeços burocráticos. — Ela olha para mim. — Cuide dele. Ele finge ser autossuficiente, mas precisa de pessoas mais do que admite.

— Cuidarei.

— E Adrian? Traga-a para jantar algum dia. Eu gostaria de conhecê-la melhor.

— Isso soa ameaçador.

— É para ser. — Ela sorri e se afasta.

— Sua criadora é intensa — digo.

— Sim. Bem-vinda à minha existência.

Dirigimos de volta ao seu apartamento, exaustos mas aliviados. Adrian pede comida para viagem — para mim; ele ainda não come — e desabamos em seu sofá.

— Então — digo — verificações trimestrais.

— Emocionante.

— E temos que fazer isso de novo em um ano.

— Ainda mais emocionante.

— Mas somos oficiais. Aprovados pelo conselho.

— Provisoriamente aprovados.

— Eu aceito.

Ele me puxa para perto, e sentamos em silêncio confortável, processando tudo. Meu telefone vibra com uma mensagem de Silas. *Ouvi que sobreviveram ao conselho. Impressionante. Eu disse que Victoria o ama. Jantar qualquer dia? Quero ouvir todos os detalhes.*

Mostro para Adrian, que geme. — Ele nunca vai nos deixar em paz, vai?

— Provavelmente não. Mas ele nos ajudou a nos preparar.

— Fae são os piores.

— Mas ocasionalmente úteis.

— Ocasionalmente.

Adormecemos em seu sofá — eu realmente dormindo, ele apenas deitado ali contentamente. Quando acordo às 2 da manhã, ele está lendo um de seus três livros simultâneos, minha cabeça em seu colo.

— Ei — murmuro.

— Olá. Você adormeceu no meio de uma frase.

— Audiências de conselho são exaustivas.

— São sim. — Ele põe o livro de lado. — Devo levá-la para casa.

— Ou eu poderia ficar?

— Ainda não discutimos pernoites. Isso é um marco separado.

— Adrian. Acabamos de enfrentar um conselho vampírico juntos. Acho que podemos lidar com eu dormindo na sua cama.

Ele considera isso. — Ponto justo. Vamos.

Seu quarto é organizado — tudo em seu lugar, cama perfeitamente arrumada apesar dele não dormir. Pego emprestada uma camiseta, e nos deitamos em sua cama no escuro.

— Obrigado — ele diz baixinho. — Por tudo isso. Por não fugir quando as coisas ficaram complicadas.

— As coisas sempre foram complicadas. Isso é meio que a nossa coisa.

— Verdade.

— Além disso, onde mais vou encontrar um namorado que organiza alfabeticamente pelo primeiro nome e não dorme?

— Em lugar nenhum. Sou completamente único em minha estranheza.

— Exatamente. Estou presa a você agora. Aprovada pelo conselho e tudo mais.

7

A terceira semana de namoro oficial com Adrian nos encontra estabelecendo uma rotina confortável — ou tão confortável quanto possível quando seu namorado é um vampiro com verificações obrigatórias pelo conselho. Tivemos nosso primeiro relatório trimestral (constrangedor), nos encontramos com Victoria para jantar (aterrorizante), e navegamos com sucesso por meu primeiro evento da comunidade sobrenatural como casal oficial (apenas levemente caótico).

As coisas estão boas. Realmente boas.

É por isso que eu deveria ter sabido que algo daria errado.

Começa com outro evento de speed dating. Petra me envia uma mensagem: *Evento especial sexta-feira — speed dating para casais estabelecidos que querem conhecer outros casais para encontros duplos e grupos de amigos. Você e Adrian deveriam vir!*

— Isso parece agradável — digo a Adrian sobre o café na quarta-feira. — Normal. Não-dramático.

— Estou desconfiado de qualquer coisa rotulada como 'normal' a esta altura.

— Vamos lá. O que poderia dar errado em um speed dating de casais?

Últimas palavras famosas.

Na sexta-feira à noite, chegamos ao centro comunitário para encontrá-lo decorado para o evento. As mesas estão preparadas para quatro pessoas em vez de duas, e há uma energia animada no ar. Petra vem imediatamente saltitando.

— Melissa! Adrian! Perfeito. Tenho alguns ótimos casais para vocês. — Ela verifica sua lista. — Primeiro — vocês estarão com Asher e seu parceiro.

Adrian fica tenso ao meu lado. — Asher, o demônio?

— Sim! Ele tem vindo aos eventos sozinho, mas finalmente encontrou alguém. Eles são fofos juntos.

Somos levados à mesa três, onde um homem está sentado sozinho. Ele é objetivamente atraente — cabelo escuro, olhos intensos, vestido todo de preto. Há algo nele que faz minha pele arrepiar, como ficar muito perto de um fogo.

— Asher — diz Adrian friamente. — Não sabia que você tinha encontrado um parceiro.

— Recentemente, sim. — O sorriso de Asher é afiado. — Ela está atrasada, mas estará aqui. — Ele olha para mim, e seu olhar é desconfortavelmente avaliativo. — Você é a humana de quem todos falam. Melissa.

— Sou eu.

— Você é corajosa. Namorando um vampiro. A maioria dos humanos não consegue lidar com as complicações.

— Eu me viro.

— Será? — Ele se inclina para frente, e a temperatura ao nosso redor aumenta. — Diga-me, como você lida com o conhecimento de que ele poderia drenar você em segundos? Que a natureza dele é fundamentalmente predatória?

— Asher — Adrian adverte.

— Só estou curioso. Humanos me fascinam. Tão frágeis, mas tão dispostos a se jogar no perigo.

Antes que eu possa responder, uma mulher corre para a mesa. — Desculpe o atraso! O trânsito estava... — Ela para quando nos vê. — Oh. Melissa?

Eu a reconheço — ela é uma bruxa que conheci em um evento anterior, embora não consiga lembrar seu nome. Ela olha entre mim e Asher com uma expressão que não consigo ler.

— Vocês se conhecem? — Asher pergunta.

— Nos conhecemos brevemente — diz a bruxa, sentando-se ao lado dele. Sua energia é completamente diferente da dele — calma onde ele é intenso, constante onde ele é caótico. — Sou Elana.

Os próximos cinco minutos são de conversa fiada constrangedora. Asher domina a conversa, fazendo perguntas cada vez mais pessoais sobre nosso relacionamento. Como nos conhecemos? Há quanto tempo estamos juntos? Adrian já se alimentou de mim? (A resposta é não, e a mandíbula de Adrian se aperta com a pergunta.)

— Demônios são naturalmente curiosos — Elana explica em tom de desculpa. — Ele não pretende ser invasivo.

— Não pretendo? — Asher sorri. — Estou sendo absolutamente invasivo. É mais interessante que conversa educada.

Quando o sino toca para trocar de mesas, sinto alívio. Adrian está vibrando de tensão enquanto nos movemos para o próximo casal — um par de lobisomens que, felizmente, são muito mais normais.

Mas Asher continua nos observando durante toda a noite. Toda vez que olho para cima, seus olhos estão em mim, avaliando. É perturbador.

— Ele é intenso — murmuro para Adrian durante um intervalo.

— Ele é um demônio. Todos são intensos. Mas há algo... — Ele observa Asher do outro lado da sala. — Algo estranho. Mais que o usual.

— Deveríamos nos preocupar?

— Provavelmente.

O evento termina, e estamos nos despedindo de Petra quando Asher se aproxima.

— Melissa — ele diz, ignorando Adrian completamente. — Gostei de conhecê-la. Deveríamos conversar mais algum dia. Adoraria ouvir sua perspectiva sobre relacionamentos sobrenaturais do ponto de vista humano.

— É gentil da sua parte, mas...

— Café qualquer dia? Apenas uma conversa. Elana mencionou querer conhecer mais humanos. Poderíamos ter um encontro duplo adequado, sem as restrições de tempo do speed dating.

Adrian dá um passo ligeiramente à minha frente. — Ela não está interessada.

— Posso falar por mim mesma — digo, tocando o braço de Adrian. Então para Asher: — Obrigada, mas não estou realmente procurando novos amigos agora.

A expressão de Asher escurece. — Nem mesmo platonicamente? Isso parece de mente fechada.

— Ou significa que estou ocupada e prefiro focar nos relacionamentos existentes.

— Hmm. — Ele me estuda por mais um longo momento. — Bem, se mudar de ideia... — Ele tira um cartão de visita — papel de verdade, muito antiquado — e o estende para mim.

Não o pego.

— Não estou interessada — repito firmemente.

Raiva e frustração brilham em seus olhos. A temperatura sobe perceptivelmente.

— Asher — diz Adrian, com voz mortalmente quieta. — Afaste-se.

— Ou o quê, vampiro? Você vai fazer uma cena em um evento comunitário?

— Se necessário.

Eles se encaram, e posso sentir a tensão aumentando. Outras pessoas começam a notar. Elana aparece, pegando o braço de Asher.

— Vamos — ela diz baixinho. — Vamos embora.

— Estávamos apenas conversando.

— Não, você estava deixando as pessoas desconfortáveis. Hora de sair.

Ela o guia para longe, murmurando "desculpe" para nós enquanto vão. Observo-os sair, Asher olhando para trás uma vez com uma expressão que faz meu estômago se retorcer.

— Isso foi estranho — digo.

— Isso foi um demônio testando limites. — Adrian ainda está tenso, observando a porta. — E não gostei de como ele olhou para você.

— Ele estava apenas sendo amigável. Agressivamente amigável.

— Demônios não fazem nada sem motivo. O interesse dele em você parecia errado.

— Talvez ele esteja apenas curioso sobre humanos? Como ele disse?

— Talvez. — Mas Adrian não parece convencido.

Saímos logo depois, ambos inquietos. Em casa, tento me livrar da energia estranha do encontro. Adrian manda mensagem para garantir que estou segura, então liga uma hora depois porque mensagens aparentemente não eram garantia suficiente.

— Estou bem — digo a ele. — Portas trancadas, todas as janelas fechadas, não estou sendo perseguida por demônios até onde posso dizer.

— Isso não é engraçado.

— Eu sei. Mas você está em espiral.

— Não gostei de como ele abordou você. Como ele insistiu depois que você disse não. Isso é comportamento predatório.

— De um predador literal, sim. Mas Elana o fez sair. Está tudo bem.

— Por favor, me mande mensagem antes de dormir. E se qualquer coisa parecer estranha — qualquer coisa — me ligue imediatamente.

— Vou fazer isso. Boa noite, vampiro ansioso.

— Boa noite.

Adormeço sem incidentes, mas às 2 da manhã, meu telefone toca. É um número desconhecido. Eu o ignoro. Ele toca novamente imediatamente. E novamente.

Na quarta ligação, atendo. — Alô?

— Melissa. — A voz de Asher, quente e ligeiramente amigável demais. — Desculpe ligar tão tarde. Peguei seu número na lista do evento — espero que não tenha problema.

É absolutamente um problema, e ambos sabemos disso.

— O que você quer? — pergunto, agora completamente acordada e inquieta.

— Apenas conversar. Sinto que começamos com o pé errado mais cedo. Seu vampiro foi muito protetor. Compreensível, mas desnecessário. Não sou uma

ameaça.

— São duas da manhã.

— É? Eu perco a noção do tempo. Coisa de demônio. — Ele parece divertido. — De qualquer forma, queria me desculpar se te deixei desconfortável. Essa não foi minha intenção.

— Desculpas aceitas. Boa noite.

— Espere — não desligue. Eu realmente gostaria de tomar um café qualquer dia. Apenas conversar. Humano para... bem, demônio, mas você sabe o que quero dizer.

— Eu disse que não estou interessada.

— Porque seu vampiro disse?

— Porque eu disse.

— Tem certeza? Ou você está apenas com medo de deixá-lo irritado?

A pergunta me deixa gelada. — O quê?

— Vampiros podem ser controladores. Possessivos. Só estou me perguntando se você realmente não está interessada, ou se não tem permissão para estar interessada. — Sua voz fica mais baixa. — Se você precisar de ajuda para sair de um relacionamento não saudável, posso fornecer recursos.

A raiva surge. — Meu relacionamento está ótimo. Adrian não está me controlando. E esta conversa acabou.

Desligo e imediatamente ligo para Adrian.

Ele atende instantaneamente. — Melissa? O que há de errado?

— Asher acabou de me ligar. De um número não listado. Às 2 da manhã.

Silêncio do outro lado, então: — O que ele disse?

Conto tudo a ele — as múltiplas ligações, a sugestão de que Adrian está me controlando, a oferta de "ajuda". Com cada detalhe, posso praticamente sentir a raiva de Adrian crescendo pelo telefone.

— Estou indo para aí — ele diz.

— Você não precisa...

— Já estou no meu carro.

Ele chega em quinze minutos, o que significa que definitivamente quebrou várias leis de trânsito. Deixo-o entrar, e ele imediatamente começa a verificar janelas e portas como se estivesse protegendo uma fortaleza.

— Adrian, estou bem.

— Ele ligou para você às 2 da manhã. Isso não é curiosidade amigável normal. É comportamento de perseguição.

— Eu sei. É assustador. Mas o que podemos fazer? Bloquear o número dele?

— Isso não vai deter um demônio que decidiu se fixar em você. — Ele finalmente para de andar e senta-se ao meu lado no sofá. — Preciso contatar o

conselho. Isso viola os protocolos de segurança da comunidade.

— Eles realmente vão fazer algo?

— Para um demônio assediando um relacionamento aprovado pelo conselho? Possivelmente. Vale a pena tentar. — Ele pega minha mão. — Sinto muito. Deveria tê-lo detido mais firmemente no evento.

— Você o deteve. Ele simplesmente não ouviu.

— Demônios raramente ouvem.

Meu telefone vibra — uma mensagem do mesmo número desconhecido: *Desculpe se te aborreci. Só queria me conectar. Humanos no mundo sobrenatural precisam de amigos que entendam os desafios. Pense nisso.*

Mostro para Adrian, cuja expressão passa de preocupada para furiosa.

— Isso é manipulação. Isolando você, sugerindo que você precisa de amigos fora do seu relacionamento, insinuando que eu sou o problema. — Ele se levanta. — Vou ligar para Victoria. Agora.

Ele vai para meu quarto fazer a ligação, e fico no sofá, processando. A abordagem de Asher realmente parece calculada — primeiro a amizade insistente, depois as ligações tardias, então a preocupação controladora sobre meu relacionamento. É um padrão que reconheço de assediadores humanos, só que com poder sobrenatural por trás.

Adrian retorna dez minutos depois. — Victoria está contatando o comitê de segurança do conselho. Ela também está entrando em contato com líderes da comunidade demoníaca. Aparentemente, Asher já foi sinalizado antes por problemas de limites.

— Ótimo. Estou sendo perseguida por um demônio com histórico.

— Você não está sozinha nisso. Vamos lidar com isso. — Ele senta-se ao meu lado novamente. — Quer que eu fique esta noite? Posso dormir no seu sofá.

— Você não dorme.

— Posso deitar no seu sofá em um estado de meditação repousante enquanto permaneço vigilante contra ameaças.

— Essa é a coisa menos relaxante que já ouvi, mas sim, por favor fique.

Ele fica, e eu realmente consigo dormir sabendo que ele está lá. Meu telefone permanece abençoadamente silencioso pelo resto da noite.

Na manhã seguinte, acordo e encontro Adrian exatamente onde o deixei, lendo no meu sofá. Ele olha para cima quando apareço.

— Bom dia. Café?

— Você fez café?

— Assisti vários tutoriais no YouTube. Está bebível.

É na verdade um café decente, o que é tocante. Estamos sentados na minha pequena mesa de cozinha quando meu telefone toca — uma ligação de verdade,

não uma mensagem. É Petra.

— Melissa! Você está bem? Ouvi o que aconteceu com Asher.

As notícias viajam rápido na comunidade sobrenatural.

— Estou bem. Adrian está aqui.

— Bom. Escute, sinto muito. Não tinha ideia de que Asher faria algo assim. Se soubesse que ele tinha um histórico, nunca teria combinado vocês. — Ela soa genuinamente angustiada. — Os organizadores do evento estão banindo-o de eventos futuros. E Elana terminou com ele esta manhã — aparentemente, a ligação telefônica foi a gota d'água.

— Ela está bem?

— Ela está bem. É uma bruxa poderosa; nunca esteve em perigo real. Mas está irritada que ele usou o relacionamento deles para se aproximar de você. Disse que ele vinha perguntando obsessivamente sobre você desde o primeiro evento em que você apareceu.

Troco olhares com Adrian. — O primeiro evento? Isso foi semanas atrás.

— Sim. Antes mesmo de você estar oficialmente com Adrian. Aparentemente, ele viu você lá e ficou fixado. Elana pensou que era curiosidade geral sobre humanos, mas agora ela percebe que era especificamente sobre você.

Depois de desligar, sinto-me fria. — Ele tem me observado por semanas.

— E agora ele está escalando porque vê você como indisponível. — A mandíbula de Adrian está tensa. — Isso é minha culpa. Se eu não tivesse sido tão óbvio sobre meus sentimentos naqueles eventos...

— Não. Isso não é sua culpa. Assediadores não precisam de motivo para se fixar.

— Assediadores sobrenaturais são mais perigosos que os humanos.

— Estou ciente.

Meu telefone vibra novamente. Outro número desconhecido, outra mensagem: *Seu vampiro está dizendo às pessoas que sou perigoso. Não sou. Só queria ser amigo. É tão errado assim?*

Depois outra: *Todo mundo está se virando contra mim por causa dele. Ele está controlando a narrativa. Você deveria ouvir meu lado.*

E outra: *Encontre-me. Apenas uma vez. Deixe-me explicar. Café, lugar público, luz do dia. Do que ele tem medo?*

Mostro para Adrian, que imediatamente liga para Victoria novamente. Desta vez, posso ouvir a resposta dela pelo telefone: — Estou cuidando disso. O conselho está emitindo uma ordem formal de cessar-e-contato. Se ele violar, haverá sérias consequências.

— Quão sérias? — Adrian pergunta.

— Expulsão da comunidade, potenciais restrições de ligação em seus poderes,

exílio se necessário. Levamos perseguição a sério, especialmente quando envolve relacionamentos aprovados pelo conselho.

Depois de desligar, Adrian se vira para mim. — A ordem será entregue hoje. Uma vez que ele a receba, qualquer contato com você se torna uma violação. Se ele mandar mensagem, ligar, se aproximar — qualquer coisa — relatamos imediatamente e o conselho age.

— E se ele não se importar com ordens do conselho?

— Então ele enfrenta as consequências. O conselho não faz ameaças vazias.

O resto do dia é uma espera tensa. Trabalho de casa, Adrian pairando por perto como um guarda-costas ansioso. Cada vez que meu telefone vibra, ambos ficamos tensos. Mas as mensagens param após a ligação de Victoria.

Às 4 da tarde, a própria Victoria liga.

— A ordem foi entregue — ela diz. — Asher foi formalmente advertido. Ele também foi colocado sob vigilância pelas autoridades demoníacas — aparentemente, ele já violou limites antes, e eles não estão satisfeitos por ele estar causando incidentes entre espécies. Se ele contatar Melissa novamente, me ligue imediatamente.

— Obrigado — diz Adrian.

— Agradeça-me mantendo essa garota segura. Gosto dela. Ela é boa para você. — Victoria desliga sem esperar por uma resposta.

— Sua criadora é aterrorizante — digo.

— Sim, mas efetivamente.

A noite passa tranquilamente. Sem ligações, sem mensagens, sem aparições demoníacas. Adrian me faz jantar — ou melhor, pede delivery e finge que cozinhou — e assistimos a filmes no meu sofá.

— Sinto muito que sua introdução à comunidade sobrenatural tenha sido tão caótica — ele diz durante um momento tranquilo.

— Caótico está se tornando meu normal.

— Não deveria ser. Você merece encontros pacíficos e marcos de relacionamento normais, não audiências do conselho e demônios perseguidores.

— Mas então eu não teria essas ótimas histórias para futuros jantares.

— Você é impossivelmente otimista.

— Um de nós tem que ser. Você está ruminando o suficiente para nós dois.

Ele me puxa para mais perto. — Prometo que as coisas vão se acalmar. Depois que Asher entender a mensagem, depois que passarmos por mais algumas verificações do conselho, depois que a comunidade se ajustar ao fato de estarmos juntos — vai ficar mais fácil.

— Você promete?

— Não, mas estou escolhendo acreditar nisso.

— Bom o suficiente para mim.

Meu telefone vibra uma última vez naquela noite — outra mensagem de um número desconhecido. Meu coração para, mas quando verifico, é de Silas: *Ouvi sobre seu problema com o demônio. Fae são excelentes em desencorajamento se precisar de assistência. Não seguimos as regras do conselho, o que tem vantagens. Avise-me.*

Mostro para Adrian.

— Ele está oferecendo lidar com Asher fora dos canais oficiais — diz Adrian.

— Isso é legal?

— Provavelmente não. Mas pode ser eficaz.

— Deveríamos?

— Vamos ver se a ordem do conselho funciona primeiro. Mas mantenha a oferta de Silas em mente. Métodos fae são persuasivos.

Respondo a Silas: *Obrigada. Avisarei se necessário.*

A resposta dele: *À disposição. Demônios são irritantes. Feliz em ajudar.*

— Não acredito que o trapaceiro fae é meu plano de reserva — murmuro.

— Sua vida é muito estranha agora.

— Nossa vida. Você também faz parte deste caos.

— Justo.

Adormecemos no meu sofá novamente — eu realmente dormindo, ele mantendo sua "vigilância repousante". Quando acordo às 3 da manhã para usar o banheiro, ele está lendo à luz do telefone, e percebo que nunca me senti mais segura.

Os próximos dias são abençoadamente livres de Asher. Sem ligações, sem mensagens, sem aparições em eventos sobrenaturais. A ordem de cessar-e-contato do conselho parece ter funcionado. Adrian começa a relaxar, embora ainda verifique constantemente.

Na quarta-feira, exatamente uma semana após o incidente inicial, estou saindo do trabalho quando vejo Asher do outro lado da rua.

Ele não está se aproximando, apenas parado lá, observando. Quando ele me vê notá-lo, levanta ambas as mãos em um gesto de "não estou fazendo nada", depois se vira e vai embora.

Ligo para Adrian imediatamente, mãos tremendo.

— Ele não se aproximou — digo. — Não disse nada. Apenas ficou lá. Isso é uma violação?

— Área cinzenta. Tecnicamente ele não está contatando você, mas claramente está intimidando. — Sua voz está tensa de raiva. — Onde você está?

— Ainda no meu escritório.

— Fique dentro. Estou indo te buscar.

Ele chega em tempo recorde, e dirigimos direto para o escritório de Victoria — aparentemente, ela tem um escritório real no prédio do conselho vampírico porque é importante. Ela ouve minha descrição, sua expressão ficando mais sombria.

— Tecnicamente, ele não violou a letra da ordem — ela diz. — Mas violou o espírito. Vou escalar isso para o conselho completo. Enquanto isso, Melissa, eu recomendaria ficar com Adrian por alguns dias. Demônios não podem entrar em residências privadas sem convite, então o apartamento dele é mais seguro que o seu.

— Devo estar com tanto medo assim? — pergunto.

Ela olha para mim seriamente. — Demônios que se fixam raramente desistem por conta própria. E Asher tem um histórico de escalada. Melhor ser cautelosa.

Então faço uma mala e me mudo temporariamente para o apartamento de Adrian. É a quarta semana de namoro, e já estamos morando juntos por causa de um demônio perseguidor. Não exatamente o marco de relacionamento que eu tinha planejado.

— Isso é ridículo — digo, desempacotando meus artigos de higiene no banheiro dele. — Estamos deixando ele controlar nossas vidas.

— Estamos sendo inteligentes. Há uma diferença. — Adrian aparece na porta. — E pelo que vale, gosto de ter você aqui. Circunstâncias à parte.

— É?

— É. O apartamento parece menos vazio.

É uma pequena admissão, mas parece significativa. Beijo-o, e por um momento, a situação do demônio desaparece como ruído de fundo.

— Vamos resolver isso — ele diz. — Custe o que custar.

— Mesmo aceitando ajuda de Silas?

— Mesmo isso, se necessário.

Meu telefone vibra — uma mensagem de um número desconhecido: *Eu só queria conversar. Por que todos estão agindo como se eu fosse um monstro?*

Depois outra: *Tudo bem. Vou deixar você em paz. Mas você está cometendo um erro confiando no vampiro. Ele não pode protegê-la de tudo.*

E finalmente: *Adeus, Melissa. Espero que não se arrependa de suas escolhas.*

Mostro para Adrian, cuja expressão vai de preocupada a absolutamente furiosa. Ele imediatamente liga para Victoria enquanto faço capturas de tela de tudo.

— É isso — diz Victoria quando Adrian explica. — Ele violou a ordem continuando a mandar mensagens. Estou convocando uma sessão de emergência do conselho esta noite. Asher enfrentará sanções formais.

Quatro horas depois, estamos de volta na câmara do conselho — desta vez

com Asher parado onde estávamos durante nossa audiência de aprovação. Ele parece desafiador e irritado, olhando para nós do outro lado da sala.

O membro principal do conselho lê as acusações: — Violação da ordem de cessar-e-contato, assédio contínuo, táticas de intimidação e desrespeito geral pelos protocolos de segurança da comunidade. Como se declara?

— Isso é ridículo — diz Asher. — Mandei algumas mensagens. Fiquei em uma rua pública. Desde quando isso é crime?

— Desde que você foi explicitamente ordenado a ter zero contato — diz Victoria friamente. — Você foi avisado. Ignorou o aviso. Agora enfrenta consequências.

O conselho delibera por menos de dez minutos antes de entregar seu veredito: Asher está banido de todos os eventos da comunidade sobrenatural por um ano, colocado sob restrições vinculativas que o impedem de me contatar por qualquer meio (aplicação mágica, aparentemente), e obrigado a participar de aconselhamento com autoridades demoníacas.

— Se você violar qualquer desses termos — diz o vampiro principal — o próximo passo é o exílio deste território inteiro. Você entende?

A mandíbula de Asher está cerrada, mas ele acena. — Entendo.

— Então está dispensado.

Ao sair, ele olha para mim uma última vez. Há um cálculo em sua expressão, como se estivesse planejando algo.

— Não acho que isso acabou — sussurro para Adrian.

— Restrições vinculativas são poderosas. Ele fisicamente não pode contatá-la agora.

— Mas ele pode contatar outras pessoas sobre mim?

A expressão de Adrian escurece. — Isso é... uma brecha.

De fato, dois dias depois, começo a receber mensagens de outros demônios. Amigos de Asher, aparentemente, perguntando por que eu o bani, se meu vampiro é realmente tão controlador, se estou bem.

Não é contato direto de Asher, então não viola a ordem. Mas é claramente coordenado.

— Ele está armando seus amigos — digo a Adrian, exausta. — Isso nunca vai acabar, vai?

— Vai acabar. De um jeito ou de outro. — Ele fica quieto por um momento. — Acho que é hora de chamar Silas.

— Sério?

— Sério. O conselho está lidando com as coisas oficialmente, mas Asher está encontrando brechas. Fae não se importam com brechas. Eles se importam com resultados.

Mando mensagem para Silas: *Lembra daquela oferta para ajudar com meu problema com demônio?*

Sua resposta é imediata: *Absolutamente. Encontre-me amanhã. Mesmo café de antes. Traga o vampiro.*

No dia seguinte, estamos de volta ao café fae com Silas, que está sorrindo como se isso fosse o melhor entretenimento que teve em anos.

— Então — ele diz — você precisa de um demônio desencorajado. Permanentemente.

— Nada violento — digo rapidamente.

— Claro que não. Métodos fae são muito mais elegantes que violência. — Seu sorriso é afiado. — Estou pensando em um contrato cuidadosamente redigido que ele desesperadamente quererá assinar, obrigando-o a deixá-la em paz em termos tão herméticos que até as autoridades demoníacas ficarão impressionadas.

— Qual é a pegadinha? — Adrian pergunta.

— A pegadinha é que vou precisar de algo de vocês em troca. Acordos fae sempre têm equilíbrio. — Silas se inclina para frente. — Nada terrível. Simplesmente quero um convite para seu eventual casamento.

— Casamento? — Engasgo com meu chá.

— Vocês vão se casar eventualmente. Provavelmente. Vocês dois são irritantemente comprometidos um com o outro. Quando acontecer, quero um convite. Primeira fila para o caos.

— Esse é seu preço? — Adrian soa desconfiado. — Apenas um convite de casamento?

— Eu gosto de casamentos. São rituais fascinantes. E o de vocês sem dúvida será dramático. — Silas estende sua mão. — Trato?

Adrian e eu trocamos olhares.

— Se algum dia nos casarmos — digo lentamente — o que é um grande se, considerando que estamos namorando há quatro semanas...

— Um mês — Adrian corrige.

— ...então sim, você pode vir ao casamento.

— Excelente. — Silas aperta minha mão, depois a de Adrian. Algo estremece no ar — o acordo selando a si mesmo. — Me deem dois dias. Seu problema com o demônio será resolvido.

— Como? — pergunto.

— Melhor você não saber. Negação plausível e tudo isso. — Ele se levanta. — Agora, se me derem licença, tenho um demônio com quem negociar.

Ele sai, e Adrian e eu sentamos em silêncio atordoado.

— Acabamos de prometer a um fae nosso convite de casamento? — pergunto.

— Aparentemente.

— Estamos namorando há um mês.

— Estou ciente.

— Isso é insano.

— Isso se tornou nosso normal.

Dois dias depois, exatamente como prometido, paro de receber mensagens. Não apenas de demônios — de todos conectados a Asher. Silêncio completo.

Mando mensagem para Silas: *O que você fez?*

Sua resposta: *Ofereci a ele um acordo que não podia recusar. Ele está agora vinculado por contrato fae a nunca contactá-la, nunca discuti-la, e nunca encorajar outros a contactá-la. O contrato se renova anualmente e só pode ser quebrado se você explicitamente o liberar. O que você não fará. De nada.*

O que você ofereceu em troca?

Algo que ele queria mais do que incomodar você. Detalhes são entre mim e ele.

E assim, acabou.

— O fae resolveu — digo a Adrian naquela noite, mostrando-lhe as mensagens.

— Contratos fae são inquebráveis. Se Silas o vinculou adequadamente, Asher literalmente não pode mais incomodá-la. — Ele me puxa para perto. — Realmente acabou.

— Devemos a Silas um convite de casamento.

— Pequeno preço por sua segurança.

— Estamos namorando há um mês.

— Estou ciente. E já estou planejando me casar com você algum dia, então não é uma promessa particularmente difícil.

Afasto-me para encará-lo. — Você está planejando se casar comigo?

— Eventualmente. Supondo que sobrevivamos às complicações. — Ele toca meu rosto. — Isso é presunçoso?

— Extremamente. Mas também meio doce.

— Vivi dois séculos. Quando sei de algo, sei disso.

— E você sabe que quer se casar comigo?

— Sei que quero tentar fazer isso funcionar a longo prazo. Casamento é parte disso, presumivelmente.

É possivelmente a proposta-que-não-é-uma-proposta menos romântica que já ouvi, mas me deixa absurdamente feliz.

— Tudo bem, então — digo.

— Tudo bem, então?

— Tudo bem, vamos eventualmente nos casar e convidar o fae que me salvou

de um demônio perseguidor.

Ele ri e me beija, e em algum lugar na cidade, Silas provavelmente está sorrindo sobre o caos que orquestrou.

Mas pela primeira vez, o caos trabalhou a nosso favor.

Mais tarde naquela noite, enquanto estou adormecendo na cama de Adrian (porque ainda não voltei para meu apartamento, e nenhum de nós sugeriu que eu deveria), meu telefone vibra uma última vez.

Silas: *Parabéns por resolver seu problema com o demônio. Também, parabéns pelo inevitável futuro casamento. Usarei algo espetacular.*

Eu: *Não estamos noivos.*

Silas: *Ainda não. Dê seis meses. O vampiro já está planejando.*

Eu: *Como você sabe disso?*

Silas: *Sou fae. Sabemos coisas. Durma bem, Melissa. As partes empolgantes estão apenas começando.*

Mostro para Adrian, que está lendo ao meu lado.

— Ele está certo — diz Adrian calmamente. — Eu tenho pensado nisso.

— Estamos namorando há quatro semanas!

— Um mês — ele corrige novamente. — E sou um planejador. Processe-me.

8

O segundo mês de namoro com Adrian traz uma normalidade inesperada. Sem demônios perseguidores, sem drama do conselho, apenas coisas normais de relacionamento, como discutir sobre qual serviço de streaming assinar e se o apartamento dele precisa de mais cor (precisa; ele discorda).

Estamos em outro evento de speed dating — nosso quarto como casal oficial — quando Zela se aproxima. Ela é a lobisomem do primeiro evento, aquela que foi gentil comigo quando eu estava aterrorizada e confusa.

— Melissa! Adrian! — Ela me abraça entusiasticamente. — Vocês dois ainda estão firmes e fortes. Adoro isso.

— Obrigada. Como você está?

— Ótima! Na verdade, queria mencionar algo. — Ela baixa a voz conspiratoriamente. — Já ouviu falar do aplicativo?

— Aplicativo?

— O aplicativo de namoro sobrenatural. É só por convite, super exclusivo. Finalmente consegui acesso mês passado, e é incrível. Muito melhor que speed dating para encontrar parceiros compatíveis.

Adrian fica tenso ao meu lado. — Existe um aplicativo de namoro sobrenatural?

— Sim! Existe há anos, mas eles são super seletivos sobre quem entra. Você precisa de indicações de membros estabelecidos da comunidade. — Ela sorri para mim. — Eu provavelmente poderia conseguir um convite para você, Melissa. Se estiver interessada. Não para namorar, obviamente, já que você tem Adrian, mas apenas para explorar? Tem todo tipo de recursos — fóruns

comunitários, listagem de eventos, grupos específicos de espécies.

— Isso parece... — Olho para Adrian, cuja expressão é neutra. — Interessante?

— Vou te enviar as informações! — Zela sai saltitante, nos deixando parados ali.

— Um aplicativo de namoro — digo.

— Aparentemente.

— Para sobrenaturais.

— Pelo visto.

— E estou curiosa sobre isso.

— Eu suspeitava que você estaria. — Ele não está me olhando, observando a sala.

— Você está com ciúmes de um aplicativo hipotético?

— Não estou com ciúmes. Apenas estou ciente de que você tem um padrão de curiosidade sobre espaços sobrenaturais.

— Porque são interessantes!

— Concordo. Só estou notando o padrão.

Dou uma cotovelada em seu ombro. — Não vou baixar um aplicativo de namoro enquanto estou namorando você. Isso seria estranho.

— Mas você quer explorá-lo.

— Talvez? Não sei. É só que... existe todo esse aplicativo secreto que eu não sabia que existia. Isso não deixa você curioso?

— Não particularmente. Evitei plataformas de namoro sobrenaturais por dois séculos. Não planejo começar agora.

Abandonamos o assunto, mas ele permanece no fundo da minha mente. Um aplicativo inteiro dedicado à comunidade sobrenatural, logo fora do meu alcance porque sou humana e preciso de acesso especial.

Mais tarde naquela semana, Zela me manda mensagem: *Consegui um convite para o aplicativo! Verifique seu email. Nome de usuário e senha temporária devem estar lá. Divirta-se explorando!*

Olho fixamente para a mensagem, então mostro para Adrian. Estamos no apartamento dele, e ele está cozinhando — realmente cozinhando desta vez, tendo decidido aprender para meu benefício apesar de não comer.

— Ela conseguiu um convite para mim — digo.

— Estou vendo isso.

— Devo dar uma olhada?

Ele pousa a faca. — Você quer?

— Estou curiosa. Mas também não quero te deixar desconfortável.

— Não vai me deixar desconfortável. Você pode explorar espaços

sobrenaturais. — Ele volta a cortar legumes. — Apenas talvez me mostre o aplicativo antes de começar... o que quer que se faça em aplicativos de namoro.

— Não é um aplicativo de namoro para mim. Eu tenho um namorado.

— Estou ciente. Eu sou o namorado.

— Então por que você parece que está planejando um assassinato?

— Não estou planejando um assassinato. Apenas me preparando para a possibilidade de que você ache o aplicativo mais interessante do que eu.

— Adrian.

— O quê? É uma preocupação válida.

Vou até ele, pegando a faca antes que ele acidentalmente corte algo. — Você é um idiota.

— Possivelmente.

— Não vou deixar você por causa de um aplicativo.

— Não disse que você faria isso.

— Mas você pensou.

— Talvez brevemente.

Eu o beijo, e ele amolece imediatamente, me puxando para perto.

— Baixe o aplicativo — ele diz contra meus lábios. — Explore. Me conte o que encontrar. Vamos navegar por isso juntos.

Então eu faço isso. Naquela noite, abro o email e clico no link. O aplicativo se chama "Nocturne" e requer tanto o código de convite quanto algum tipo de verificação sobrenatural — que aparentemente passo porque estou em um relacionamento aprovado pelo conselho com um vampiro.

A interface é elegante e escura, projetada para usuários noturnos. Há seções para perfis de namoro, fóruns comunitários, listagens de eventos, grupos específicos de espécies e algo chamado "consultas de compatibilidade interespécies".

— Isso é realmente muito legal — digo a Adrian, rolando a tela. — Olha, tem um fórum sobre relacionamentos vampiro-humano. E outro sobre navegação pela burocracia sobrenatural.

Ele olha para meu telefone. — Tem uma seção de perfil de namoro.

— Que não vou usar.

— Mas você poderia olhar? Só para ver?

Olho para ele. — Você está seriamente sugerindo que eu navegue por perfis de namoro sobrenaturais?

— Não. Talvez. Não sei. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Estou curioso sobre quais outras espécies estão lá. Para fins de pesquisa.

— Pesquisa.

— Sim. Completamente acadêmica.

Sorrio e clico na seção de namoro. Ela exige que você configure um perfil para navegar, o que parece uma armadilha. O perfil pede espécie, faixa etária, localização, preferências de relacionamento e tem uma foto opcional.

— Devo criar um perfil? — pergunto. — Só para olhar por aí?

— Se você quiser. — Sua voz está tensa, o que significa que ele definitivamente tem opiniões.

— Vou deixar claro que estou em um relacionamento.

— Isso parece razoável.

Preencho, marcando meu status como "Em um Relacionamento - Aqui Apenas para a Comunidade". Em espécie, há na verdade uma opção para "Humano (Consciente do Sobrenatural)" que parece validadora de alguma forma. Pulo a foto e clico em enviar.

Imediatamente, o aplicativo abre um feed de perfis. E eles são fascinantes. Uma bruxa que lista seu familiar como co-pai. Um lobisomem cujos interesses incluem "apreciação da lua e abraços agressivos". Um vampiro que aparentemente tem 347 anos e está procurando "conversas estimulantes e alguém que aprecie ópera".

— Estes são incríveis — digo, mostrando a Adrian. — Olhe esse cara — ele é um demônio que ensina yoga.

Adrian olha para a tela. — Asher está aqui.

Congelo e olho mais de perto. De fato, vários perfis abaixo, há um rosto familiar. O perfil de Asher está atualmente marcado como "Conta Suspensa" com uma observação sobre violações do código de conduta.

— Bem, pelo menos ele está banido aqui também — murmuro.

— Pequenas bênçãos.

Continuo rolando, mostrando perfis interessantes para Adrian. Um fae que aparentemente está procurando "alguém que aprecie complexidade e não tenha medo de enigmas". Uma alcateia de lobisomens em busca de "indivíduos orientados para família para vida comunitária".

Então vejo um que me faz parar.

— Adrian.

— Hmm?

— Por que existe um perfil seu aqui?

Ele olha para a tela, e sua expressão muda para confusão, depois compreensão, depois constrangimento. — Ah.

O perfil mostra seu nome, "Vampiro, 200+ anos", e uma foto surpreendentemente lisonjeira que não reconheço. O status diz "Ativo".

— Posso explicar — ele diz rapidamente.

— Por favor.

— Esse perfil é de... aproximadamente trinta anos atrás. Eu o criei durante um breve período em que pensava que deveria tentar métodos de namoro modernos. Fui em exatamente um encontro, foi desastroso, e abandonei a conta completamente. Pensei que tinha sido excluída.

— Está marcada como ativa.

— Não deveria estar. Não toquei nessa conta em décadas.

Clico no perfil. Seus interesses estão listados como "Literatura, história, resolver assassinatos em romances vitorianos". Sua preferência de relacionamento é "Conexões de longo prazo, apenas sérias".

— Resolver assassinatos em romances vitorianos? — pergunto.

— Eu estava passando por uma fase de ficção detetivesca.

Em atividade recente, mostra que ele entrou ontem.

— Adrian.

— Isso é impossível. Não acessei esse aplicativo em trinta anos.

— Então quem entrou ontem?

Ele pega meu telefone, examinando o perfil com alarme crescente. — Alguém tem acesso à minha conta. Isso não deveria ser possível — esses aplicativos têm segurança significativa.

Ele imediatamente pega seu laptop e começa a digitar furiosamente. Aparentemente, habilidades de cibersegurança vampíricas são uma coisa.

— Consegui — ele diz depois de cinco minutos. — Alguém realizou uma redefinição de senha ontem usando um endereço de email antigo que não verifico há anos. Eles acessaram a conta por aproximadamente quinze minutos, mudaram o status para ativo e... — Ele para, sua expressão escurecendo.

— E o quê?

— E enviaram mensagens para três usuários diferentes. Tudo nas últimas vinte e quatro horas.

Meu estômago despenca. — Quem?

Ele me mostra a tela do laptop. As mensagens são todas variações de: *Procurando encontrar. Você está livre esta semana?*

Enviadas para uma bruxa, uma vampira e uma mulher humana que está marcada como interessada em relacionamentos com vampiros.

— Alguém está fingindo ser você — digo lentamente. — Marcando encontros como você.

— E quem quer que seja sabe que estou em um relacionamento. Isso não é roubo de identidade aleatório. Isso é direcionado.

Nos encaramos.

— Asher — dizemos simultaneamente.

Adrian já está ligando para Victoria. Enquanto ele explica a situação, rolo pelo

resto do perfil. Tudo foi sutilmente alterado — fotos atualizadas, biografia modificada para parecer mais flertante, interesses feitos para parecer mais casuais e menos sérios.

— O conselho está investigando — diz Adrian quando desliga. — Estão verificando se isso viola as restrições vinculativas de Asher. Ter alguém agindo em seu nome pode ser uma brecha.

— Ou pode não ser ele.

— Então quem?

Antes que eu possa responder, meu telefone vibra. É uma mensagem através do aplicativo Nocturne, de uma conta chamada "ConselhoAmigo": *Seu namorado está ativo em aplicativos de namoro pelas suas costas. Achei que você deveria saber. Aqui estão capturas de tela de sua atividade recente.*

Anexadas estão imagens das mensagens que Adrian supostamente enviou, com data de ontem.

— Estão me enviando evidências — digo, mostrando a ele. — Tentando me fazer pensar que você está traindo.

Outra mensagem: *Vampiros são todos iguais. Eles não conseguem se comprometer. Você merece algo melhor.*

E outra: *Conheço alguém que te trataria bem. Quer uma apresentação?*

— Isso é coordenado — diz Adrian, lendo por cima do meu ombro. — Alguém hackeou minha conta, enviou mensagens flertantes, depois alerta você para fazer você duvidar de mim.

— Mas não está funcionando porque eu estava literalmente aqui quando as mensagens foram enviadas.

— Eles não sabiam disso. Presumiram que não estaríamos juntos quando executassem isso.

Uma mensagem aparece de uma das pessoas que "Adrian" contatou — a bruxa: *Ei! Recebi sua mensagem. Adoraria nos encontrarmos. Você está livre sexta-feira?*

— Meu Deus, agora as pessoas acham que você está realmente interessado em namorá-las — digo.

Adrian digita uma resposta: *Peço desculpas pela confusão. Minha conta foi comprometida. Estou em um relacionamento e não estou procurando conhecer ninguém. Sinto muito por qualquer inconveniência.*

Ele envia mensagens similares para os outros dois usuários, então muda todas as suas senhas e marca seu perfil como "Em um Relacionamento - Conta Comprometida".

Meu telefone vibra novamente. ConselhoAmigo: *Ele está encobrindo seus rastros agora. Comportamento clássico de traidor. Não deixe ele te manipular.*

— Seja lá quem for, é persistente — murmuro.

O telefone de Adrian toca — Victoria.

— O conselho rastreou o endereço IP para o acesso à conta — ela diz, e ambos podemos ouvi-la no viva-voz. — Não é Asher. É Elana.

Silêncio.

— A ex-namorada dele? — finalmente digo.

— Sim. Aparentemente, ela ainda está com raiva do término e decidiu que você é a culpada. Ela hackeou a conta de Adrian para criar discórdia no seu relacionamento.

— Isso é... — procuro palavras. — Incrivelmente mesquinho?

— Sim. Também é uma violação das leis de cibersegurança sobrenatural e códigos de conduta da comunidade. Ela está sendo trazida para interrogatório agora.

Depois que Victoria desliga, Adrian e eu sentamos em silêncio atordoado.

— A ex-namorada dele está me catfishando como você para arruinar nosso relacionamento — digo.

— Aparentemente.

— Porque ela me culpa pelo término deles.

— Que aconteceu porque ele estava perseguindo você.

— Este é o plano de vingança mais complicado que já encontrei.

— Bem-vinda ao drama sobrenatural.

Duas horas depois, Victoria liga de volta. Elana confessou tudo — ela criou a conta falsa, enviou as mensagens e planejou gradualmente escalar as "evidências" da traição de Adrian até que eu terminasse com ele. Ela foi banida de todas as plataformas da comunidade sobrenatural e está enfrentando sanções das autoridades das bruxas.

— Ela também está sendo obrigada a enviar desculpas formais a vocês dois — diz Victoria. — Supervisionada por mediadores da comunidade. Isso deve estar resolvido agora.

Deve estar. Mas já ouvimos isso antes.

Naquela noite, enquanto processamos tudo, recebo um email. É de Elana, claramente escrito sob supervisão com base na linguagem formal:

Melissa e Adrian, peço desculpas por minhas ações. Eu estava com raiva e magoada com o fim do meu relacionamento e culpei vocês inadequadamente. O que fiz foi errado, violou sua privacidade e tentou manipular seu relacionamento. Estou buscando aconselhamento para lidar com esses comportamentos e não entrarei em contato com nenhum de vocês novamente. Sinto muito. - Elana

— Pontos por uma desculpa completa, eu acho — digo.

— Supervisionada ou não, ela soa genuína. — Adrian lê novamente. — Ainda assim, vou bloqueá-la em tudo.

— Justo.

Sentamos em seu sofá, exaustos do drama.

— Sabe — digo — namorar você me apresentou a demônios perseguidores, bruxas fazendo catfishing e burocracia vampírica. Foi uma jornada.

— Você gostaria de parar de jornada?

— Não. Mas talvez uma semana ou duas chatas seriam boas.

— Posso organizar chato. Sou excelente em chato.

Inclino-me contra ele. — Então o que fazemos com o aplicativo? Devo excluir minha conta?

— Você quer?

— Estou meio curiosa sobre os fóruns da comunidade agora. Há toda uma seção sobre humanos se adaptando a relacionamentos sobrenaturais. Pode ser útil.

— Então mantenha. Explore. Apenas talvez evite a seção de perfil de namoro por um tempo.

— Feito.

Meu telefone vibra uma última vez — Silas, porque claro: *Soube do seu drama de catfishing. Muito divertido. Pelo que vale, bruxas guardam rancor como ninguém. Ela provavelmente ficará amarga por anos, mas não agirá novamente. Sanções do conselho são coisa séria.*

Mostro para Adrian, que suspira.

— Como ele sempre sabe tudo imediatamente? — pergunto.

— A rede de fofoca fae é mais rápida que qualquer tecnologia. É profundamente irritante.

Respondo a Silas: *Obrigada pelo conforto, eu acho?*

Silas: *A qualquer momento. Aliás, também estive explorando esse aplicativo. A seção fae é hilária. Somos todos terríveis em autorrepresentação honesta. Quer comparar anotações sobre os piores perfis algum dia?*

— Ele quer se encontrar para zombar de perfis de namoro — digo a Adrian.

— Essa é realmente a coisa mais normal que Silas já sugeriu.

Então três dias depois, estamos de volta ao café fae com Silas, que trouxe seu laptop.

— Ok, então olhe este — ele diz, nos mostrando um perfil fae. — Afirma ser 'direto e honesto', mas sua biografia é literalmente três parágrafos de enigmas.

— Isso é muito típico para fae — digo.

— Esse é meu ponto! Somos incapazes de ser diretos mesmo quando tentamos. — Ele rola para baixo. — Ah, e este vampiro — Adrian, não é o

Marcus do conselho?

Adrian olha. — Definitivamente é Marcus. Seu perfil diz que está procurando 'companheirismo eterno'. Ele tem dito isso por cinquenta anos.

— Problemas de compromisso? — pergunto.

— Mais que ele teve um relacionamento que terminou mal e tem estado muito assustado para tentar novamente.

Silas mostra outro perfil. — Este demônio ensina yoga e se especializa em 'ajudar clientes a encontrar o fogo interior'. Isso não é um eufemismo, certo?

— Com demônios, tudo é um potencial eufemismo — diz Adrian.

Passamos uma hora examinando perfis, e é estranhamente divertido. Silas fornece comentários constantes sobre a cultura de namoro fae, Adrian explica hierarquias sociais vampíricas, e eu ofereço a perspectiva humana sobre como tudo isso parece bizarro.

— Sabe o que é interessante — Silas diz eventualmente — é que o aplicativo existe há talvez quinze anos, mas humanos como Melissa só agora estão tendo acesso. A comunidade sobrenatural tem sido muito exclusiva sobre isso.

— Por quê? — pergunto.

— Muitas razões. Preocupações com privacidade, preocupações sobre humanos expondo o mundo sobrenatural, elitismo geral. — Ele dá de ombros. — Mas está mudando. Mais relacionamentos interespécies, mais humanos descobrindo o mundo sobrenatural através de aplicativos como seu contratempo com namoro. A comunidade está evoluindo.

— Para melhor ou pior? — Adrian pergunta.

— Ambos, provavelmente. Mudança sempre é. — Silas fecha seu laptop. — Mas eu gosto. As coisas estavam ficando estagnadas. Humanos adicionam caos. É refrescante.

— Feliz em proporcionar entretenimento — digo secamente.

— Oh, vocês excederam entretenimento. Vocês são drama completo a esta altura. Estou genuinamente investido em como isso vai se desenrolar.

— Ainda planejando comparecer ao nosso casamento hipotético?

— Absolutamente. Vai ser caos espetacular. Mal posso esperar.

Depois que saímos, Adrian e eu caminhamos pela cidade. Tornou-se nossa coisa — caminhadas noturnas pelo centro, falando sobre tudo e nada.

— Silas é estranho, mas meio incrível — digo.

— Ele está crescendo em mim. Como um fungo persistente.

— Romântico.

— Eu tento.

Acabamos no apartamento dele, e percebo com um sobressalto que não estive no meu próprio lugar há três dias. Minha escova de dentes mora no banheiro

dele agora. Metade das minhas roupas estão no armário dele. Efetivamente me mudei sem que nenhum de nós discutisse isso.

— Acidentalmente me mudei para sua casa? — pergunto.

Ele olha para meus pertences espalhados. — Parece que sim. Isso é ok?

— Adrian, estamos namorando há dois meses.

— Estou ciente. O tempo é flexível quando você é imortal.

— Essa não é uma resposta.

Ele senta no sofá, me puxando para sentar ao lado dele. — Eu quero que você more aqui? Sim. Tenho sutilmente encorajado isso garantindo que você sempre tenha café de manhã e seus lanches favoritos no armário? Também sim. É muito cedo pelos padrões normais de relacionamento? Provavelmente. Eu me importo? Não particularmente.

— Você poderia simplesmente ter me pedido para me mudar.

— Eu estava me preparando para isso. A coabitação acidental parecia menos pressionada.

— Você é ridículo.

— Fato estabelecido. Então — você vai ficar?

Penso sobre isso. Meu aluguel é mês a mês. Passo todas as noites aqui de qualquer forma. E acordar ao lado de Adrian (ou tecnicamente, acordar e encontrá-lo lendo ao meu lado) tornou-se minha parte favorita do dia.

— Sim — digo. — Vou ficar.

Ele me beija, e algo em sua expressão suaviza. — Bom. Eu estava preparado para fazer um argumento muito convincente envolvendo gráficos sobre conveniência e raciocínio lógico.

— Você fez gráficos?

— Estava considerando.

— Estou namorando um vampiro que faz gráficos para me convencer a me mudar.

— Tecnicamente, você está morando com um vampiro que estava preparado para fazer gráficos. Há uma distinção.

Eu rio e o beijo novamente. — Ok. Vou me mudar oficialmente. Mas vamos ter plantas.

— Plantas?

— Seu apartamento é como uma caverna. Precisamos de coisas vivas que não sejam vampiros.

— Eu sou tecnicamente uma coisa viva.

— Discutível. Vamos ter plantas.

— Tudo bem. Mas nada que exija cuidados extensivos. Eu não durmo, o que significa que serei responsável pelo bem-estar delas 24 horas por dia, 7 dias por

semana, e isso é muita pressão.

— Feito.

Durante a semana seguinte, empacoto meu apartamento e me mudo oficialmente para o de Adrian. Sarah ajuda, ainda pensando que estou namorando um cara normal com horários estranhos.

— Ele deve ser incrível se você está se mudando depois de dois meses — ela diz, carregando uma caixa de livros.

— Ele é definitivamente alguma coisa.

— E você está feliz?

— Estranhamente, incrivelmente feliz.

— Então estou feliz por você. — Ela me abraça. — Mesmo que seja rápido. Às vezes rápido é certo.

Se ela soubesse quão complicado "certo" se tornou.

Na minha última noite em meu antigo apartamento, fico no espaço vazio e me sinto estranhamente emocional. Foi aqui que eu morava quando descobri que vampiros eram reais. Onde processei todo o caos dos últimos dois meses. Onde minha antiga vida normal terminou.

Adrian aparece na porta. — Pronta?

— Sim. Apenas... me despedindo, eu acho.

— Do apartamento ou da sua antiga vida?

— Ambos, talvez.

Ele vem até mim, me envolvendo em seus braços por trás. — Pelo que vale, gosto mais da sua nova vida. Tem eu nela.

— Uau, humilde.

— Eu tento. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Vamos. Vamos para casa.

Casa. O apartamento dele é casa agora. Nosso apartamento.

Voltamos juntos de carro, meu carro carregado com as últimas caixas. Quando chegamos, Adrian de alguma forma arranjou para que tudo já estivesse desempacotado e organizado. Porque claro que sim.

— Quando você fez isso? — pergunto, olhando para meus livros perfeitamente organizados nas prateleiras — pelo primeiro nome do autor, naturalmente.

— Posso ter recrutado ajuda de alguns conhecidos sobrenaturais com super velocidade.

— Isso é trapaça.

— Isso é eficiência.

Descubro que ele também liberou três armários inteiros para minhas coisas e comprou uma escrivaninha para o segundo quarto. Que ele aparentemente está convertendo em um espaço de escritório para mim.

— Você comprou uma escrivaninha para mim.

— Você mencionou querer escrever. Escritores precisam de escrivaninhas. — Ele está arrumando meu laptop sobre ela. — O segundo quarto recebe boa luz natural. Eu não posso usá-la de qualquer forma.

— Porque você é um vampiro.

— Porque sou um vampiro.

Abraço-o por trás. — Obrigada. Por tudo isso.

— De nada. Embora esteja ligeiramente preocupado com as quatro plantas que você já colocou pelo apartamento.

— São apenas três.

— Conto quatro.

Olho ao redor. Ele está certo — há uma quarta planta que definitivamente não comprei sentada no parapeito da janela da cozinha.

— Essa é de Silas — diz Adrian. — Ele deixou enquanto você estava empacotando. Disse que é uma tradição fae para nova coabitação. Supostamente é impossível de matar.

— Isso é realmente doce.

— Isso é suspeito. Provavelmente é senciente.

— Você é paranóico.

— Vivi dois séculos. Paranoia é sabedoria.

Naquela noite, nossa primeira noite oficial de morar juntos, pedimos comida demais e assistimos a reality shows ruins no sofá. É perfeitamente normal e doméstico, e percebo com um sobressalto que estou mais feliz do que tenho estado em anos.

— O quê? — Adrian pergunta, notando minha expressão.

— Nada. Só... isso é bom. Nós. Aqui. Coisas de vida normal.

— Depois de demônios perseguidores e bruxas fazendo catfishing, normal é subestimado.

— Concordo.

Meu telefone vibra — uma mensagem do aplicativo Nocturne. Mas não de uma pessoa — do próprio aplicativo.

Parabéns por seu marco de coabitação! Como um relacionamento aprovado pelo conselho atingindo marcos significativos, você agora está elegível para recursos e serviços de aconselhamento para casais. Verifique suas mensagens para mais informações.

— Eles estão rastreando os marcos do nosso relacionamento — digo, mostrando a Adrian.

— Claro que estão. Nada é privado na comunidade sobrenatural.

— Isso vai ser irritante?

— Constantemente. Mas também é como eles garantem que humanos em relacionamentos com sobrenaturais estejam seguros e apoiados. É invasivo, mas bem-intencionado.

Clico na mensagem. Há informações sobre aconselhamento para casais, recursos para navegar relacionamentos interespécies e algo chamado "consultas de planejamento de longo prazo para parcerias com discrepância de mortalidade".

— Parcerias com discrepância de mortalidade — leio em voz alta. — Somos nós.

— Essa é uma maneira muito burocrática de nos descrever, sim.

Continuo rolando. Há fóruns para humanos namorando vampiros, grupos de apoio para pessoas se adaptando a comunidades sobrenaturais, até uma seção sobre "decisões eventuais de transformação e processos de aprovação do conselho".

— Isso é realmente útil — digo. — Olhe — há todo um tópico sobre pessoas que estão juntas há anos navegando pela questão do envelhecimento.

Adrian se inclina para ler. — Alguns desses casais estão juntos há décadas.

— Então é possível. Longo prazo. Não estamos condenados.

— Silas estava errado?

— Talvez.

Passamos a hora seguinte lendo fóruns, encontrando histórias de casais que conseguiram fazer dar certo. Uma mulher humana casada com um vampiro por trinta anos. Um par lobisomem-bruxa celebrando cinquenta anos juntos. Um demônio e um humano que descobriram a logística de pular entre dimensões.

— Não estamos sozinhos nisso — digo eventualmente.

— Não. Realmente não estamos.

É estranhamente reconfortante, ver provas de que nosso relacionamento impossível foi feito antes. Que pessoas navegaram pelas complicações e sobreviveram.

— Quer saber algo engraçado? — pergunto.

— Sempre.

— Dois meses atrás, eu não acreditava em vampiros. Agora estou morando com um, aprovada por um conselho, rastreada por um aplicativo e lendo fóruns sobre parcerias com discrepância de mortalidade.

— Isso é uma coisa boa ou ruim?

— Honestamente? Boa. Estranha, complicada, ocasionalmente aterrorizante. Mas boa.

Adormecemos no sofá — eu realmente dormindo, ele fazendo sua coisa de vigilância repousante. Quando acordo às 2 da manhã, há um cobertor sobre mim

e Adrian está lendo ao meu lado com um pequeno sorriso.

— O quê? — murmuro.

— Nada. Só feliz que você está aqui.

9

Começa estupidamente, como a maioria das brigas. Eu quero conhecer os amigos vampiros de Adrian. Ele continua arranjando desculpas.

— Eles estão ocupados — ele diz quando trago o assunto pela terceira vez.

— Por três semanas seguidas?

— Agendas sociais vampíricas são complexas.

— Essa não é uma resposta real.

Estamos na cozinha — eu preparando o café da manhã, ele observando com aquela quietude cuidadosa que significa que está evitando algo.

— Por que você não quer que eu os conheça? — pergunto.

Ele fica quieto por um longo momento. — Porque eles vão julgá-la.

— Como é?

— Não você pessoalmente. A situação. Nós. — Ele se inclina contra o balcão. — Meus amigos são todos vampiros antigos. Tradicionais. Eles não aprovam relacionamentos humanos. Conhecer você vai provocar opiniões que não quero ouvir.

— Então você simplesmente nunca vai me apresentar? Vou ser sua namorada humana secreta?

— Não foi isso que eu disse.

— Mas foi o que você quis dizer.

Ele passa a mão pelo cabelo. — Melissa. Esses vampiros me conhecem há décadas, alguns por mais de um século. Eles vão olhar para você uma vez e começar a calcular quantos anos temos antes que a diferença de idade se torne impossível de ignorar. Eles farão perguntas invasivas sobre transformação. Farão

comentários sobre meu julgamento. Estou tentando protegê-la disso.

— Não preciso de proteção contra as opiniões dos seus amigos. Preciso que meu namorado não tenha vergonha de mim.

— Não tenho vergonha...

— Então o que é? Porque daqui, parece que você tem vergonha de ser visto com uma humana.

— Isso não é justo.

— Também não é justo me esconder de todo o seu círculo social.

Nós nos encaramos pela cozinha, e observo ele se retrair por trás de seus muros — aqueles que pensei que tínhamos superado.

— Ótimo — ele diz friamente. — Há uma reunião sexta-feira à noite. Evento social vampírico. Você pode comparecer.

— Obrigada — digo, igualmente fria.

— De nada.

Passamos o resto do dia em silêncio tenso, e eu odeio isso. É horrível.

Naquela noite, deitada na cama (eu realmente na cama, ele sentado ao lado lendo), finalmente quebro o silêncio.

— Não quero brigar sobre isso.

Ele coloca o livro de lado. — Eu também não.

— Mas também não quero ser escondida.

— Você não está escondida. Toda a comunidade sobrenatural sabe sobre nós. Somos aprovados pelo conselho. Moramos juntos.

— Mas seus amigos não me conhecem.

— Porque tenho evitado o julgamento inevitável. — Ele se vira para me encarar. — Melissa, esses são vampiros que me conhecem desde que fui recém-transformado. Eles se lembram quando eu era imprudente, irritado e perigoso. Eles me viram construir controle durante dois séculos. E agora vão me ver com uma humana e pensar que estou sendo imprudente novamente.

— Eu sou imprudência?

— Você é o melhor tipo de imprudência. Mas eles não verão assim.

— Talvez vejam. Talvez eles surpreendam você.

Ele parece duvidoso. — Sexta-feira à noite. Reunião social vampírica. Você tem certeza que quer fazer isso?

— Sim.

— Não será como os eventos de speed dating. Esses são vampiros antigos. Formais. Tradicionais. Eles avaliarão você constantemente.

— Sobrevivi a uma audiência do conselho. Posso lidar com uma festa de vampiros.

— Você diz isso agora.

Sexta-feira chega rápido demais. Adrian me ajuda a escolher uma roupa — aparentemente eventos sociais vampíricos têm códigos de vestimenta. Acabo em um vestido de coquetel escuro que ele diz ser "apropriadamente formal sem ser muito chamativo".

— Sinto como se estivesse conhecendo seus pais — murmuro.

— Meus pais estão mortos. Esses vampiros são piores — são meus pares com opiniões.

A reunião é em um apartamento de cobertura na cidade, de propriedade de uma vampira chamada Catherine que Adrian descreve como "influente na sociedade vampírica local". O que soa aterrorizante.

Chegamos elegantemente atrasados — aparentemente isso é importante na cultura vampírica. A porta é atendida por um vampiro que parece ter talvez quarenta anos, mas seus olhos sugerem que ele é antigo.

— Adrian — ele diz calorosamente. — Faz muito tempo.

— Marcus. Esta é Melissa.

O olhar de Marcus muda para mim, avaliando. — A humana. Ouvimos falar de você.

— Tudo de bom, espero.

— Críticas mistas, na verdade. Mas prefiro formar minhas próprias opiniões. — Ele se afasta. — Entrem. Catherine está ansiosa para conhecer sua... parceira.

O apartamento é impressionante — todo tijolo aparente e arte moderna, com janelas do chão ao teto mostrando as luzes da cidade. Há talvez quinze vampiros espalhados por todo o lugar, todos bonitos daquela maneira atemporal, todos se virando para olhar quando entramos.

A atenção é avassaladora.

Catherine se aproxima imediatamente — uma mulher alta com cabelos ruivos e um sorriso que não alcança seus olhos.

— Adrian — ela diz, beijando sua bochecha. — E esta deve ser Melissa. Como é... interessante.

"Interessante" não parece um elogio.

— Obrigada por me receber — digo.

— Claro. Estamos todos curiosos sobre a humana que convenceu Adrian a seguir um relacionamento. — Ela me olha de cima a baixo. — Diga-me, como você está achando o mundo sobrenatural? Avassalador, imagino.

— Às vezes. Mas principalmente fascinante.

— Fascinante — ela repete. — Como é... otimista.

Outros vampiros se aproximam, se apresentando. Há Julian, que aparentemente tem mais de quatrocentos anos. Sophia, que conheceu Adrian quando ele foi transformado pela primeira vez. Thomas, que faz comentários

incisivos sobre "relacionamentos modernos" e "decisões questionáveis".

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — Sophia pergunta.

— Três meses — digo.

— Três meses. — Ela troca olhares com Catherine. — E já estão morando juntos?

— Fazia sentido logisticamente.

— Logisticamente. — Thomas ri. — É assim que estamos chamando isso?

Adrian fica tenso ao meu lado. — Melissa e eu estamos felizes. É isso que importa.

— Claro — diz Catherine suavemente. — Só estamos preocupados. Você sabe como esses relacionamentos humanos tendem a terminar.

— Com envelhecimento? — pergunto diretamente.

Silêncio desconfortável.

— Entre outras complicações — Julian finalmente diz. — Vampiros e humanos têm expectativas de vida muito diferentes. Necessidades diferentes. É difícil sustentar.

— Difícil, mas não impossível.

— Você é otimista — diz Sophia. — Isso é doce. Mas três meses não é nada na linha do tempo de um vampiro. A realidade da sua situação ficará mais clara com o tempo.

— Que realidade?

Catherine se aproxima. — Que você vai envelhecer enquanto Adrian permanece congelado. Que em dez anos, você parecerá diferente e ele não. Que eventualmente, terá que escolher entre envelhecer com ele permanecendo jovem, ou ser transformada e perder sua humanidade.

— Estamos cientes das complicações.

— Estão? Mesmo? — Thomas cruza os braços. — Porque de onde estamos, isso parece Adrian tendo uma fase de fascínio humano. Acontece às vezes com vampiros jovens. Eles se lembram de serem humanos e ficam nostálgicos. Mas passa.

— Não sou uma fase — digo firmemente.

— Talvez não. Mas você é temporária. Todos os humanos são.

A mão de Adrian nas minhas costas está apertada. — Já chega.

— Só estamos sendo honestos — diz Catherine. — Alguém precisa prepará-la para a realidade.

— A realidade é que Melissa e eu estamos em um relacionamento comprometido que foi aprovado pelo conselho. Suas opiniões sobre isso não são bem-vindas.

— Adrian — diz Marcus baixinho — somos seus amigos. Conhecemos você

há décadas. Estamos preocupados com você.

— Não há nada para se preocupar.

— Não há? Você organizou toda a sua existência em torno de uma humana. Está comparecendo a reuniões diurnas do conselho, mantendo horários humanos, mudando fundamentalmente sua natureza para acomodá-la. — Sophia olha para mim. — Sem ofensa, querida, mas isso não é sustentável.

— Não pedi que ele mudasse nada — digo.

— Não pediu? Apenas por ser humana, você requer acomodações. Reuniões diurnas. Comida humana no apartamento. Um horário mortal. Adrian está se dobrando em torno das suas limitações.

— Essas não são limitações...

— São, objetivamente. Humanos são limitados pela mortalidade, luz do dia, fragilidade. Vampiros não. A incompatibilidade é fundamental.

Sinto algo se quebrar dentro de mim. — Talvez devêssemos ir.

— Melissa... — Adrian começa.

— Não, eles estão certos. Sou humana. Sou temporária. Estou limitando você. Por que você iria querer estar com alguém assim?

Vou em direção à porta, e Adrian me segue imediatamente. Atrás de nós, ouço Catherine dizer: — Bem, isso foi exatamente como esperado.

Lá fora, no corredor, mal consigo respirar. Adrian tenta pegar minha mão, mas me afasto.

— Eles não estão errados — digo.

— Estão completamente errados.

— Estou segurando você? Fazendo você mudar toda sua existência para acomodar minhas limitações humanas?

— Melissa...

— Seja honesto. Você mudou coisas por minha causa?

Ele fica quieto por um longo momento. — Sim. Compareço a mais reuniões diurnas. Mantenho comida humana por perto. Estou acordado em horários diferentes. Mas não são sacrifícios — são ajustes que estou feliz em fazer.

— Agora. Mas e em cinco anos? Dez? Quando a novidade passar?

— Isso não é novidade. Isso é... — Ele para, frustrado. — Eu te amo. Você entende isso? Não estou com você porque você é interessante ou uma novidade ou uma fase. Estou com você porque te amo.

As palavras me param. É a primeira vez que qualquer um de nós diz isso.

— Você me ama? — pergunto baixinho.

— Sim. Achei que fosse óbvio.

— Você nunca disse isso.

— Eu digo constantemente. Apenas não com essas palavras específicas.

— Adrian...

— Eu te amo — ele diz firmemente. — Amo seu otimismo e sua curiosidade e a maneira como você fala sozinha quando está trabalhando. Amo como você faz meu apartamento parecer um lar. Amo acordar ao seu lado, mesmo não dormindo, porque ver você tranquila é a melhor parte da minha noite. Eu te amo. E sim, mudei partes da minha existência para estar com você, mas são mudanças que quero. Porque uma vida com você é melhor que uma existência imutável sem você.

Estou chorando agora, e odeio chorar, mas as palavras quebraram algo dentro do meu peito.

— Também te amo — consigo dizer. — Só estou com medo. E se eles estiverem certos? E se isso não funcionar a longo prazo?

— Então resolveremos quando chegarmos lá. Juntos. Como temos feito. — Ele finalmente me puxa para perto, e eu deixo. — Não me importo com o que eles pensam. Me importo com o que nós pensamos.

— Eles são seus amigos.

— Eles são vampiros que esqueceram como é realmente sentir algo. Arriscar algo. Amar alguém o suficiente para que as complicações não importem. — Ele levanta meu rosto para olhar para ele. — Eu escolho você. Acima da aprovação deles. Acima do conforto imutável. Acima de tudo.

Eu o beijo, ali mesmo no corredor, e tem gosto de sal e alívio e amor.

— Vamos embora — ele diz quando nos separamos.

— Você não precisa...

— Sim, preciso. Não vou passar mais um minuto ouvindo eles menosprezá-la.

Pegamos o elevador para descer em silêncio, mãos entrelaçadas. No carro, Adrian está vibrando de fúria.

— Sinto muito — ele diz eventualmente.

— Pelo quê?

— Por submetê-la a isso. Por não defendê-la melhor. Por ter amigos terríveis com opiniões piores.

— Você me defendeu. Disse a eles que estamos felizes.

— Eu deveria ter dito para eles calarem a boca imediatamente. Deveria ter saído no momento em que Catherine chamou você de "interessante" naquele tom.

— Você não pode controlar o que seus amigos pensam.

— Não, mas posso escolher amigos melhores. Aqueles que veem o que eu vejo quando olho para você.

Dirigimos para casa em silêncio, processando. Quando voltamos ao apartamento — nosso apartamento — Adrian me puxa para o sofá.

— Para constar — ele diz — você não me limita. Você expande minha existência. Antes de você, eu estava passando pelos movimentos da vida sem realmente viver. Você me faz querer me envolver com o mundo novamente.

— Mesmo que envolver signifique comparecer a reuniões diurnas?

— Especialmente então. Pequeno preço por ter você na minha vida.

Me encolho contra ele. — Eu te amo.

— Eu também te amo. Já mencionei isso recentemente?

— Há cerca de vinte minutos em um corredor.

— Deveria dizer com mais frequência.

— Provavelmente.

Sentamos em silêncio confortável até que meu telefone vibra. É uma mensagem de um número desconhecido: *Esta é Sophia. Queria me desculpar por hoje à noite. Fomos desnecessariamente duros. Adrian é nosso amigo, e estávamos tentando protegê-lo, mas agimos mal. Você parece adorável, e ele parece feliz. Isso é o que importa. - Sophia*

Mostro para Adrian, que parece surpreso. — Bem, pelo menos um deles tem autoconsciência.

Outra mensagem, desta vez de Marcus: *Desculpe pelo interrogatório. Vampiros antigos são territoriais com os nossos. Você claramente faz Adrian feliz, o que é raro e valioso. Bem-vinda ao círculo social vampírico, pelo que isso vale.*

— Eles estão se desculpando — digo.

— Não desculpa o comportamento deles.

— Não, mas é algo.

Meu telefone toca — é Catherine. Atendo hesitante.

— Melissa? É Catherine. Estou ligando para me desculpar por hoje à noite. Estávamos testando você, o que foi injusto e cruel. — Ela soa genuinamente arrependida. — Adrian tem estado sozinho por tanto tempo. Quando ele finalmente aparece com uma parceira, queríamos garantir que você fosse forte o suficiente para lidar com nosso mundo. Você é. Sinto muito por termos feito você duvidar disso.

— Me testando?

— Vampiros são paranóicos por natureza. Testamos todo mundo. Você passou, se isso importa. Qualquer um que consegue se manter firme contra uma sala cheia de vampiros centenários e depois sair com dignidade tem nosso respeito. — Ela faz uma pausa. — Adrian tem sorte de ter você. E estávamos errados ao sugerir o contrário.

Depois que ela desliga, estou dividida entre irritada e tocada.

— Eles estavam me testando — digo a Adrian.

— Claro que estavam. Vampiros testam todo mundo. — Ele suspira. — Eu deveria ter avisado. É tradição — quando alguém traz um novo parceiro para eventos sociais vampíricos, o grupo os avalia. Geralmente com perguntas incisivas e pressão social.

— E eu passei?

— Aparentemente. Você certamente deixou uma impressão ao sair.

— Não saí para impressioná-los. Saí porque estava magoada.

— Eu sei. Mas eles respeitam que você não ficou e tentou ganhar a aprovação deles. Vampiros valorizam independência.

— Seu círculo social é exaustivo.

— Sim. Eu geralmente os evito exatamente por esse motivo.

Nos dias seguintes, mais desculpas chegam aos poucos. Julian envia flores com uma nota sobre julgamentos precipitados. Thomas liga para nos convidar para jantar ("para fazer as pazes, e porque estou curioso sobre você agora"). Até Catherine faz contato para sugerir um café.

— Eles estão tentando — diz Adrian.

— Devo dar-lhes outra chance?

— Só se você quiser. Estou bem tendo amigos terríveis que nunca vejo.

Penso sobre isso. Esses vampiros conhecem Adrian há décadas. São parte de sua história, sua comunidade. E apesar da terrível primeira impressão, estão tentando se redimir.

— Ok — decido. — Mais uma chance. Mas se forem horríveis novamente, acabou.

— Justo.

Comparecemos a uma reunião menor duas semanas depois — apenas Marcus, Sophia e Julian em um restaurante tranquilo. Desta vez, as perguntas são genuínas. Como nos conhecemos? O que faço no trabalho? O que me fez querer explorar o mundo sobrenatural?

Contei a eles sobre o desastroso primeiro evento de speed dating, as tentativas subsequentes de namoro e a tentativa nobre, mas equivocada de Adrian de me empurrar para outras espécies.

— Você disse a ela para namorar um lobisomem? — Marcus está rindo. — Adrian. Essa é a pior estratégia que já ouvi.

— Estava tentando ser nobre.

— Você estava sendo um idiota.

— Isso também.

A noite é realmente agradável. Eles perguntam sobre meu trabalho, meus interesses, como é se adaptar à vida da comunidade sobrenatural. Compartilham histórias sobre Adrian — algumas constrangedoras de seus primeiros dias como

vampiro que o fazem gemer.

— Ele estava tão irritado quando foi transformado pela primeira vez — diz Sophia. — Recusou-se a beber sangue por semanas. Quase se matou de fome.

— Eu tinha preocupações éticas.

— Você teve uma fase dramática.

— Isso também.

No final da noite, eu realmente gosto deles. Eles ainda são intensos e ocasionalmente avassaladores, mas por baixo da pretensão vampírica, são apenas pessoas que se preocupam com Adrian e querem que ele seja feliz.

— Você é boa para ele — Marcus me diz enquanto estamos saindo. — Ele esteve sozinho por muito tempo. Fomos protetores porque nos importamos, mas agimos da maneira errada. Obrigado por nos dar outra chance.

Na viagem de carro para casa, Adrian parece mais leve.

— Isso foi melhor — ele diz.

— Muito melhor. Gosto deles quando não estão me testando.

— Eles também gostam de você. Marcus me mandou mensagem durante o jantar dizendo que você é "surpreendentemente resiliente para uma humana".

— Aceito.

— Sophia disse que você é "deliciosamente afiada".

— Também aceitável.

— E Julian quer saber se você tem alguma amiga humana solteira que ele poderia conhecer.

Eu rio. — Vou verificar minha lista de amigos que estariam interessados em namorar um vampiro de quatrocentos anos.

— Por favor, não faça isso. Julian é um desastre com relacionamentos.

Entramos na garagem do nosso prédio, e Adrian se vira para mim antes de sairmos.

— Obrigado — ele diz.

— Pelo quê?

— Por aguentar meus amigos. Por dar a eles outra chance. Por me amar apesar de todas as complicações.

Epílogo

Três meses e meio namorando Adrian, acordo para encontrá-lo sentado na beira da cama, olhando para o nada.

— O que há de errado? — pergunto, imediatamente alerta.

Ele se vira para mim, e há algo vulnerável em sua expressão que raramente vejo. — Preciso te contar algo. Sobre minha transformação. Sobre por que sou do jeito que sou.

Sento-me, totalmente acordada agora. — Ok.

Ele fica quieto por um longo momento, escolhendo as palavras cuidadosamente. — Quando Victoria me transformou, eu não queria. Estava morrendo — tuberculose, muito comum em 1825 — e ela achou que estava me salvando. Mas nunca tive a escolha. Em um momento eu era humano e estava morrendo, no seguinte eu era um vampiro e imortal.

— Isso deve ter sido aterrorizante.

— Foi. Mas pior foi perceber o que eu havia perdido. O sol. Envelhecer. O futuro que havia planejado. Fiquei com raiva por décadas. De Victoria por escolher por mim. De mim mesmo por me adaptar. Do mundo por continuar sem mim.

Pego sua mão, e ele a aperta com força.

— Estou te contando isso porque nunca quero tirar sua escolha. Quando as pessoas falam sobre transformação — o conselho, meus amigos, até vampiros aleatórios em eventos — eles assumem que é inevitável. Que eventualmente você escolherá a imortalidade para ficar comigo. Mas preciso que você saiba que isso não é obrigatório. Não é esperado. Nem mesmo desejado, a menos que seja

genuinamente o que você quer.

Fico quieta, processando. — Você não quer que eu seja transformada?

— Quero que você tenha a escolha que nunca tive. Se em dez anos, vinte anos, você decidir que quer ser transformada — se for seu desejo genuíno e não apenas para acompanhar minha linha do tempo — então buscaremos a aprovação do conselho. Mas se você escolher a mortalidade, viver sua vida humana e deixá-la terminar naturalmente, também apoiarei isso.

— Mesmo que signifique me perder?

Sua voz falha. — Mesmo assim. Porque forçar você a se tornar algo que não é, apenas para mantê-la, não me tornaria melhor que Victoria. Eu te amo demais para roubar sua humanidade.

Puxo-o para perto, e ele se agarra a mim como se eu fosse a única coisa sólida em seu mundo.

— Obrigada — sussurro. — Por me contar. Por me dar essa escolha.

— Sempre.

Sentamos juntos na escuridão antes do amanhecer, e percebo que isso — essa honestidade, essa vulnerabilidade, esse respeito absoluto pela minha autonomia — é o motivo pelo qual o amo. Não apesar das complicações, mas por causa de como ele as navega cuidadosamente.

— Pelo que vale — digo eventualmente — não estou tomando nenhuma decisão agora. Mas saber que tenho a escolha? Isso muda tudo.

Também de Isolde Nocturne

Speed Dating Vampírico
#1 Meu date me mordeu
#2 Meu namorado é imortal
#3 Meu ex é eterno
